

Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras
Departamento de Literaturas Românicas



Estratégias por Correspondência
Uma leitura da obra de Feliciano de Milão
Apêndice

Pedro António Freire Santos de Sena-Lino

Doutoramento no Ramo de
Estudos de Literatura e de Cultura
Estudos de Literatura e Cultura de Expressão Portuguesa

2012

Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras
Departamento de Literaturas Românicas



Estratégias por Correspondência
Uma leitura da obra de Feliciano de Milão

Apêndice Documental

Pedro António Freire Santos de Sena-Lino

Tese orientada pela
Professora Doutora Vanda Anastácio,
especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutor em
Estudos de Literatura e de Cultura
Estudos de Literatura e Cultura de Expressão Portuguesa

2012

Índice

Nota de Apresentação	5
a) Sobre a edição das <i>Décimas</i>	6
b) Sobre a edição da <i>Carta dos Acertos</i> e do <i>Testamento de Cupido</i>	6
I. Textos Apócrifos ou de Autoria Duvidosa atribuídos a Feliciano de Milão	9
1. <i>Décimas a D. Afonso VI</i>	10
1.1. Identificação de Testemunhos	10
1.2. Relação de Testemunhos.....	10
1.3. <i>Representação gráfica da relação entre os testemunhos</i>	13
1.4. <i>Décimas a D. Afonso VI – Texto fixado</i>	14
1.5. <i>Glosas às Décimas</i>	15
1.5.1. Versão N°1 [BA2]	15
1.5.2. Versão N°2 [BPMP1]	18
1.5.3. Versão N°3 [BPE6]	19
1.5.4. Versão N°4 [BGUC2].....	23
1.5.5. Versão N°5 [BCUG6].....	24
1.5.6. Versão N°6 [BCUG7].....	29
1.5.7. Versão N°7 [BNP20]	31
2. Mote.....	36
3. <i>Carta dos Acertos</i>	37
3.1. Identificação de Testemunhos	37
3.2. Relação de Testemunhos.....	37
1.1. <i>Representação gráfica da relação entre os testemunhos</i>	39
1.2. <i>Carta dos Acertos – texto fixado</i>	40
2. <i>O Testamento de Cupido</i>	43
2.1. Versão N°1 [BNP Mss 72, 1°]	44
2.2. Versão N°2 [FR 1356].....	47
2.3. Versão N°3 [BA 51-II-40].....	50
2.4. Versão N°4 [ANTT 1073].....	56
2.5. Versão N°5 [BNP 12932].....	59
2.6. Versão N°6 [BNP Cod. 8609]	67

II. Textos de Outros Autores sobre Feliciano de Milão	80
1. Ditos de Feliciano de Milão, por Pedro Supico de Moraes	81
2. Ditos de Feliciano de Milão, por Damião de Froes Perim.....	84
3. Dedicatória de <i>Memoria Sepulcral. Epitáfio Saudoso</i> , na morte da Rainha D. Maria Sofia Isabel de Neuburg	85
III. Textos de Outros	86
1. Textos de D. Maria das Saudades	86
1.1.Censura de Donna Maria das Saudades, Religioza no Convento de Via Longa	87
1.2. Soneto «As leis vivendo, Inês, do amor constante»	88
1.3. Soneto «Choro, e cazo estimando em meu tormento»	89
2. Textos de Pedro de Quadros	90
A.Textos Manuscritos	90
2.1.Poemas de Pedro de Quadros «Rey da mayor gentileza».....	91
2.2. Decimas «Quem ama como obrigado».....	92
2.3.Soneto «Ay, mas nem sospirar ador consente».....	93
2.4.Soneto «Ay triste, sy ho cegara antes quelos mira»	94
2.6. Carta « Carta em resposta a huma Freira, que o mandou chamar em dia de Entrudo»	96
B.Textos Impressos.....	97
2.7. Canção «À morte intempestiva do Invicto Marquez de Tavora.».....	98
2.8. Soneto «A la muerte del Excellentissimo Señor Marquez de Tavora»	103
IV. Documentos sobre Feliciano de Milão.....	104
1. Exame de Feliciano Maria de Milão aquando dos votos, em Odivelas (reprodução).....	105
2. Frontespício de <i>Officia Ordinis Cisterciensis</i> (reprodução).....	108
3. Acta de Eleição como Abadessa	109
4. Um documento de gestão do Mosteiro.....	110
5. Fotografia da placa que atesta a visita da Rainha D. Catarina a Odivelas .	111

Nota de Apresentação

No Apêndice Documental foram colocados diversos tipos de documentos.

Na Parte I, poderão ser encontrados vários textos atribuídos a Feliciano de Milão, como as *Décimas*, o *Mote*, a *Carta dos Acertos* e o *Testamento de Cupido*. Destes textos, apenas procedemos à fixação crítica do texto das *Décimas* e da *Carta dos Acertos*, não apenas por se encontrarem em fólhos onde constam mais obras de Feliciano de Milão, mas também por alguns testemunhos lhe atribuírem essa autoria. Relativamente à especificidade do *Testamento de Cupido* (justificando sobretudo a presença neste Apêndice das várias versões encontradas do referido texto), veja-se a nota prévia à *Carta dos Acertos* e ao *Testamento de Cupido* (Parte I, Nº 3.1 do presente Apêndice).

Poderão encontrar-se, na Parte II, diversos textos de outros autores sobre Feliciano de Milão. Primeiramente, os «Ditos» de Feliciano de Milão, apenas nas versões incluídas nas compilações de Pedro Supico de Moraes e de Damião de Frois Perim; havendo registo de outras versões dos mesmos, não foram aqui coligidas. Sublinhe-se que as duas versões de *Ditos* que aqui reproduzimos são coevas de Feliciano de Milão, ou distam pouco da data da sua morte, o que reafirma a sua fiabilidade, facto igualmente confirmável pela proximidade das versões dos dois testemunhos apontados. Anexamos ainda à Parte II a “Dedicatória” de *Memoria Sepulchral. Epitáfio Saudoso*, de Francisco Leitão Ferreira, na morte de D. Maria Sofia Isabel de Neuburg, dedicado a Feliciano Maria de Milão.

Na Parte III encontram-se transcritos textos de alguns dos Correspondentes da religiosa de Odivelas: a *Licença da Censura* e alguns poemas de D. Maria das Saudades, bem como poemas e uma Carta de Pedro de Quadros.

Por último, na Parte IV, outros documentos da sua existência como religiosa podem aqui ser consultados, como a reprodução digitalizada do seu Exame antes da profissão religiosa; bem como do *Ofício da Ordem*, por si mandado imprimir enquanto Priora, e também a Acta da sua eleição como Abadessa, e um documento de gestão do Mosteiro por si assinado, que comprovarão as datas da biografia de Feliciano de Milão, como apontadas na Dissertação.

CRITÉRIOS

Em todas as obras referidas, efectuámos uma transcrição diplomática, com as devidas excepções:

1. Alterações na pontuação, com substituição de “/” por “()” ou de “=” por “-”.
2. Substituição das suas várias ocorrências de Vossa Mercê («Vossa Mercê», «Vossa Mercê». «V. M^{cc}.») por «V.M.».
3. Separação das estrofes dos poemas.

a) Sobre a edição das *Décimas*

O cotejo foi efectuado apenas às duas primeiras *Décimas*, que são comuns a todas as versões. As outras, diferentes entre si com uma única excepção (a *Décima* com *incipit* “A Flor que o sol entretém”), são provavelmente de diferente autoria. Reproduzimos todos os testemunhos imediatamente após o texto das duas primeiras quadras. Porém, a frequente repetição da *Resposta* de Ana de Moura (*inc.* “A flor que o Sol entretém”) poderá indicar que as primeiras versões circulavam com essas duas *décimas*, possivelmente como mote para ser glosado por diferentes poetas; a sua presença em apenas algumas das versões encontradas, não é, todavia, indicador suficiente para poder ser considerada como parte constituinte de um mote prévio, como acontece com as duas primeiras *Décimas*.

No tocante às *Décimas*, não foram cotejados testemunhos impressos truncados ou parciais, como já referimos na Apresentação (veja-se Anexo). Foram indicadas na Relação de Testemunhos (Anexo, Parte I, 1.1) todos os testemunhos impressos que são cópias de testemunhos manuscritos.

b) Sobre a edição da *Carta dos Acertos* e do *Testamento de Cupido*¹

A Carta com *incipit* «Desejo eu tanto acertar» foi atribuída a Feliciano de Milão por um copista: vem anexa ao Mss 72, 1º, da BNP, no qual constam várias cartas de Feliciano, com algumas folhas separadas dos seus fólhos. Porém, não surge assinada por si em nenhum dos testemunhos apontados.

É composta por duas partes: a referida carta, seguindo-se em anexo um texto de tipo alegórico, “Testamento de Cupido”. Em algumas versões², a carta vem bastante

¹ A Carta e o referido Testamento podem ser encontradas no presente Apêndice, na Parte I, respectivamente com os números 3.4, e 4.1-4.6.

alterada, com parágrafos acrescentados, e alteração do contexto do conteúdo; noutras, a referida carta não é copiada, constando apenas o texto do *Testamento*.

Porém, com a exceção de BNP2 [Mss 72, 1º], todos os restantes testemunhos³ estão em códices onde se encontram textos de Frei Pedro de Sá ou Frei Lucas de Santa Catarina. Em dois deles⁴, a referida carta não surge, e o *Testamento de Cupido* está bastante alterado no seu conteúdo, quase duplicado na sua extensão por acrescentos, tendo sempre antes ou depois colocados dois textos de carácter freirático, «Sonho, e Triumpho de Amor Ressuscitado» e «Noua Resureisam de Copido». Este primeiro texto é indicado, na versão 5⁵ do referido texto (Parte I, Nº 4.4 do presente Apêndice), como sendo de Frei Lucas de Santa Catarina: «Sonho e Triunfo do Amor Reçucitado, contra a oppiniam das más linguas, que diziam falecera o Amor com todos os seus attributos e contrapezos. Por Fr. Lucas de Santa Catharina». Noutro testemunho, figura o subtítulo: “Feito na hora de sua Morte com as presiouçoens de Frey M^{el}. do Sepulcro⁶”. No testemunho encontrado em BNP Cod. 12932 (Parte I, Nº4.5 do Apêndice), é mesmo terminado por alguns poemas que não constam das outras versões.

Note-se ainda que, de acordo com a nossa investigação sobre o freiratismo, o estilo, a forma e o conteúdo aproximam-se muito de outros textos de Frei Lucas ou Frei Pedro de Sá. Por outro lado, pelo seu carácter alegórico, afasta-se da obra conhecida de Feliciano de Milão, muito mais próxima de uma construção engenhosa do que alegórica.

Perante mais ocorrências de outra autoria que não a de Feliciano da parte do *Testamento*, e apenas com um testemunho apontando para a sua autoria da carta; e mesmo admitindo a possibilidade que Feliciano divulgasse o texto do *Testamento* em anexo a uma carta sua, junto da sua rede epistolar, não temos dados suficientes para a autoria de Feliciano de Milão.

Assim sendo, procedemos à fixação crítica do texto da carta, tendo igualmente procedido a um mais reduzido comentário sobre o seu conteúdo, que pode ser encontrado na dissertação. Igualmente, publicámos após o texto da *Carta dos Acertos* todas as versões encontradas do «Testamento de Cupido», em transcrição diplomática. Limitámo-nos, como já referido nos “Critérios” explicitados no início deste Apêndice, a

² Biblioteca da Ajuda, 51-II-40: pg 382-391;

³ ANTT 1 [Misc. Mss. 1073, fol. 188 v.-189v.]; BNP16 [Cod 12932, fol. 132]

⁴ BNP Cod 12932, fol. 132

⁵ BNP Cod. 8609 fol. 142

⁶ Conhecido perseguidor freirático.

efectuar a separação das estrofes dos poemas que se encontram no texto do «Testamento».

I. Textos Apócrifos ou de Autoria Duvidosa atribuídos a Feliciano de Milão

1. Décimas a D. Afonso VI

1.1. Identificação de Testemunhos

Manuscritos

- [BA2] Biblioteca da Ajuda, 49-III-62, f. 228 a 233
- [BPMP1] BPMP, Cod 127, fol. 25 v.-26
- [BGUC2A] BGUC, Mss 359, fol. 277-277 v.
- [BGUC2B] BGUC, Mss. 359, s/ n⁷
- [BGUC6] BCUG, Mss. 1553, fol. 165 v.-168 e 197v.-198
- [BGUC7] BCUG, Mss. 3254, f. 33 v.
- [BNP20] Cod 127, fol. 25 v.
- [BPE6] BPE Cod. CXXX_1_17, fl.228

Impressos

- [BNP20], L. 53339 P. [Camilo Castelo Branco, *A Caveira da Martyr*, *op. cit.*, vol II] pgs. 228-233⁸
- [BNP21], MF. 1483 [A. C. Borges de Figueiredo, *O Mosteiro de Odivellas: Casos de Reis e Memórias de Freiras*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1889, pg. 239
- [H.G. 17614 P.] Cópia de **BNP20**: in Manuel Bernardes Branco, *As Minhas Queridas Freirinhas d'Odivellas*, Lisboa, Typografia Castro Irmão, 1886, pgs. 130-134⁹
- [H.G. 24935//5 P.] Cópia de **BNP20**: in Rocha Martins, *A Freira de D. Afonso VI*, Lisboa, ed. autor, s/d, pgs. 44-49¹⁰

1.2. Relação de Testemunhos

⁷ No mesmo códice encontram-se duas versões diferentes das Décimas. Para as distinguir, numerámo-las como **A** e **B**. Reforce-se que a versão **B** está colocada no final do referido volume, que não se encontra numerado a partir do fol. 282.

⁸ Camilo Castelo Branco afirma ter copiado esta versão de um «Cancioneiro», cuja pesquisa se nos revelou infrutífera (cf. *op. cit.*, vol II, pg. 228)

⁹ «As seguintes poesias (...) aparecem no segundo volume da *Caveira da Martyr*.» (pg. 130).

¹⁰ Rocha Martins não indica a fonte, e coloca apenas parte das Décimas e suas glosas, entrecortadas com comentários seus, mas o cotejo revela ser cópia da edição de Camilo Castelo Branco já citada.

Texto-Base

[BPE6] BPE Cod. CXXX_1_17, fl.228

Outras versões

Manuscritas

[BA2] Biblioteca da Ajuda, 49-III-62, f. 228 a 233

[BPMP1] BPMP, Cod 127, fol. 25 v.-26

[BGUC2A] BGUC, Mss 359, fol. 277-277 v.

[BGUC2B] BGUC, Mss. 359, s/ n¹¹

[BGUC6] BCUG, Mss. 1553, fol. 165 v.-168 e 197v.-198

[BGUC7] BCUG, Mss. 3254, f. 33 v.

[BNP20] Cod 127, fol. 25 v.

Impressas

[BNP20], L. 53339 P. [Camilo Castelo Branco, *A Caveira da Martyr*, *op. cit.*, vol II] pgs. 228-233¹²

[BNP21], MF. 1483 [A. C. Borges de Figueiredo, *O Mosteiro de Odivellas: Casos de Reis e Memórias de Freiras*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1889, pg. 239¹³

Outras versões impressas, não consideradas¹⁴

[H.G. 17614 P.]Cópia de **BNP20**: in Manuel Bernardes Branco, *As Minhas Queridas Freirinhas d'Odivellas*, Lisboa, Typografia Castro Irmão, 1886, pgs. 130-134¹⁵

[H.G. 24935//5 P.]Cópia de **BNP20**: in Rocha Martins, *A Freira de D. Afonso VI*, Lisboa, ed. autor, s/d, pgs. 44-49¹⁶

¹¹ No mesmo códice encontram-se duas versões diferentes das Décimas. Para as distinguir, numerámo-las como **A** e **B**. Reforce-se que a versão **B** está colocada no final do referido volume, que não se encontra numerado a partir do fol. 282.

¹² Camilo Castelo Branco afirma ter copiado esta versão de um «Cancioneiro», cuja pesquisa se nos revelou infrutífera (cf. *op. cit.*, vol II, pg. 228)

¹³ Borges de Figueiredo indica como cota BNP L, 4, 11, pg. 33 verso. É uma cota antiga, que com auxílio dos vários ficheiros da Biblioteca, e dos seus funcionários, não foi possível identificar. Tratar-se-á provavelmente da mesma referência feita por Camilo ao *Cancioneiro*, embora contenham algumas diferenças (cf. texto das *Décimas*).

¹⁴ Veja-se a Apresentação, no Anexo, bem como a Nota de Apresentação, no Apêndice.

¹⁵ «As seguintes poesias (...) aparecem no segundo volume da *Caveira da Martyr*.» (pg. 130).

¹⁶ Rocha Martins não indica a fonte, e coloca apenas parte das Décimas e suas glosas, entrecortadas com comentários seus, mas o cotejo revela ser cópia da edição de Camilo Castelo Branco já citada.

Foram consideradas como erros separativos:

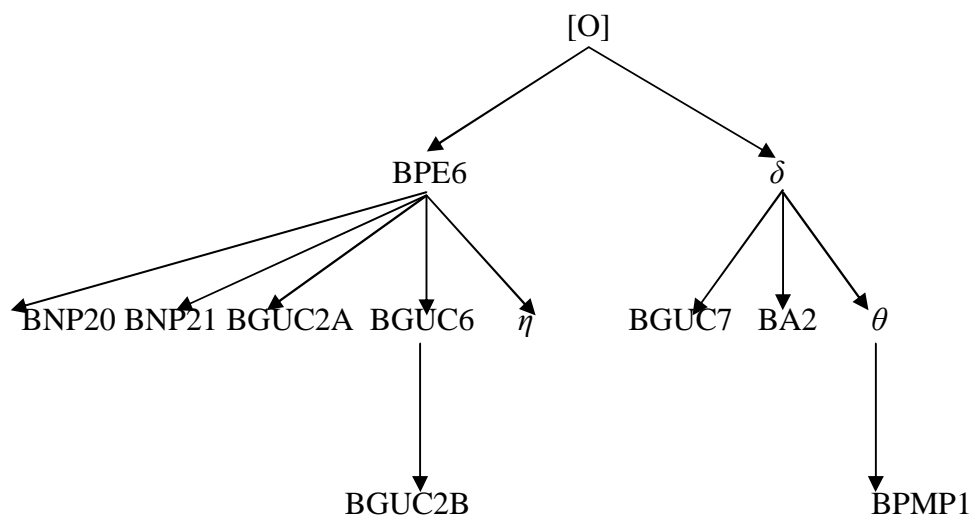
- «vosso enleio amorozo», em oposição às variantes: «ou vosso enleio amoroso» **BA**, «ou vosso trato amoroso» **BPMP1**, **BNP6**; «o vosso enleio amoroso» **BGUC2B**; «e vosso trato amoroso» **BNP20**
- «mui christam que possa ter», em comparação com as lições: mais cristáns que possam ser **BA2**, mui linda que possa ser **BPMP1**, mui linda que possa ter **BNP6**, tão christã que possa ser **BGUC2A**, tão fiel que possa ser **BGUC2B**, tão Christão que possa ter **BGUC6**, tão discreta que possa ter **BGUC7**; mais digna que esta ter **BNP20**

BGUC2A e sobretudo **BGUC2B** apresentam incorrecções de leitura frequentes; **BPMP1** também, embora em grau menor.

BA2 e **BGUC7** apresentam lições muito semelhantes («motivo tem que a desdoura»), revelando ter descendido do mesmo apógrafo. O mesmo sucede com **BNP20** e **21**.

BPE6 é a melhor versão: as lições que oferece são confirmadas sempre por outras versões, com uma única excepção não substantiva («se tão indiozada está»).

1.3. Representação gráfica da relação entre os testemunhos



Décimas de D. Felliciana de Millaõ, ao gallanteo de S. Magde.

Meu Monarca vosso¹ amor,
e² vosso enleio amoroço,
tanto tem de primuroço,
coanto de Rey³ e Senhor
mas ainda asim cauza dor
e não com pouca rezaõ⁴
ver *que* na vossa afeiçaõ⁵,
cauza tem que a desdoira⁶,
pois adorais huã Moura⁷
sendo vos hum Rey Christaõ.

Freira podereis achar
mui christam que possa ter⁸
fee pera vos mereser,
discrisaõ pera agradar⁹
jsto não he envejar¹⁰
esa mais que ditoza Anna¹¹
pois jnda que soberana¹²,
taõ¹³ jndiozada estáá¹⁴,
Anna Felice será,
mas nunca Feliceana.

1.5. *Glosas às Décimas*

1.5.1. Versão N°1 [BA2]

BA, 49-III-62, fol. 228 a 233

Picada a Sr^a D^a Anna de Moura das anteced.^{tes}

Decimas, houve pessoa para contra a autora res
ponder com as seguintes

Decimas

1^a

A Flor, que ao Sol entretém,
seu resplendor não desdoura;
porque quanto tem de **Moura**,
tanto de Angelica tem:
No seu mal, o vosso bem
tomáreis vos converter,
e podendo escolha er
no que não tendes parelha,
não foreis taõ christán velha,
foreis mais gentil mulher.

2^a

Com rara desigualdade
vos murchais, ella florece:
Anna, deidade parece,
Feliciana, de iddade:
Deixay pois essa vaidade,
porque a todos vos enfada,
ver, que sendo só chamada,
ser escolhida queirais;
mayormente, quando estais
taõ feita e taõ engeitada.

Seg.^{da} Resp.^{ta} contra D. Feliciano de Millaó,
por p.^{te} da D^a Anna de Moura, que ti
nha hum Irmaõ por nome Gil van W

Decimas

1^a

Senhora Velhice Anna
a quem o tempo tirou
o *felisse*; e só ficou
a Lingõa que a tantos daña:
Pois o tempo a dezengana,
baste já de requebrar,
que engeitada haveis ficar,
como sempre, por mofina,
acha que, de menina
vossa estrella vos quis dar.

2^a

Atrevida empredeis guerra
contra Anna, mimo do Amr,
por te uzupar o favor
do Graõ Monarca da terra:
Mas como nella te encerra
brio, gala e descripçaõ;
contra a escola de **Milaõ**
guerreira defende o posto,
e jura por vos no rosto
o nome de hum seu Irmaõ.

Resposta 3

Seamor não fora cego
então poderias culpar
este meu galantiar
pois tanto nelle meempergo.
Mas tudo o q' dizeis nego
desa Moura porq' sei
não ser moura pella lei
mas quando vi se entregava
a ser moura por escarua
me fiz della escravo Rei.

4

Esta Anna com mil primores
de seu amor com responde
a meus desejos por onde
me emprego a tantos amores
Assi q' deixai as dores
de enueja q he louquice
porq' todo o mundo se risse
de q' he Felleciana
q' esta por minha e por Anna
he Anna a mais q' felice.

Fim

1.5.2. Versão N°2 [BPMP1]

BPMP, Cod 127, fol. 25 v.-26

Picada a Sr^a D^a Anna de Moura das anteced.^{tes}

Decimas, hpuve pessoa para contra a autora res
ponder com as seg.^{tes}

Decimas

1^a

A Flor, que ao Sol entretém,
seu resplendor não desdoura;
porque quanto tem de **Moura**,
tanto de Angelica tem:
No seu mal, o vosso bem
tomáreis vos converter,
e podendo escolha er
no que não tendes parelha,
não foreis taõ christán velha,
foreis mais gentil mulher.

1.5.3. Versão N°3 [BPE6]

BPE CXXX_1_17, fl.228

Decimas da rezaõ, qm defemca da verdade feitas em nome de D. Anna de Moura pellos
mesmos soantes

Quem jnveia meu amor
vosso cuidado amoroço
vos louua Rej primoroço
vos nota amante senhor
mas taõ cega da sua dor
que naõ adverte aRezaõ
jmgeitada da afeição
que muito menos desdoura
ter appellido de Moura
que naõ ser oser Christaõ.

Que jnvejosa seade achar
quem nos queira entreter
sempre pera mereser
semcara pera agradar
mas seha quem negue oemuejar
os meritos de huã Anna
que nossa afeição soberana
fastaõ fellices, sera
quem taõ velha etonta estâa
como estâ Felliciana

Decimas em que o desemganado
sem cura asconfianças de D. Felliciana

Feliceanna a toda alei
sua prezunção prouoco

pois engeitade de hum pouo
o não queres ser de hum Rey
mas nunca reprouarei
omostrarte emtendida
que nunca ser pode amada
quem foi primeiro engeitada
que pudece serquerida

Quando frol emsoulhada
teuistes eagora deues
que nem oque fostes es
uindo a ser menos q' nada
não compitas emganada
com meritos mais q' umanos
cobrasse/cobratte de teus emganos
eacharas Felliciana
o felice ser em Anna
eemti o ser de muitos annos

*Parenisi a S^{ra}. D. Anna de Moura

De ser ditoza se emfada
quem ditas proprias apura
que. examinar a ventura
he delligencia aricada,
agora pordeclarada
ficais madre escurecida
deichais de ser conhecida
agora que vos/nos [...↑]nos mostrais
depois que estais emtendida,
pezaivos primeiro mana
euireis ater depois
que Anna mui pezada sois

porq' sois mui leviana
por fauor vos dezemgana
quem vos culpar. Prezunção
mal pode auer afeiçã
onde naõ ouver semelhante
q p^a. amor taõ gigante
henosso amor taõ Annaõ;
sois soba eparesse mal
por naõ ser couza que quadre
que queira aloba de hú Padre
paresser o Papa Real

Mentira sois ecomo tal
he justo que emvosso amor
sofrais coalquer disabor
sentomar santa licenca
queuai muita diferenca
de huã Moura a seu Senhor?
Mais que louco atrevimento
he disbarate cançado
avaliar por cuidado
a que heso divirtimento
neste nosso pencamento
julga oprudente varaõ
que. he redicula ambição
esperar vossa fraqueza
coando olobo nos despreza
que nos estime o Leaõ;
suspendei vossa carreira
pobre barça de pescar
que jdes metervos no mar
sahindo de huã ribeira
naõ uos jmgolfeis ligeira

pois tendes já descoberto
que estais posta em tal aperto

[fol. 229 v.]

em tal perigo estais posta
que se não deres acosta
dar nos cachopos he certo!
Mas destas águas aquelas
não vedes nos coanto dista
que não pode ser bem vista
quem anda as apalpadelas.

Recolhei as fracas velas
porque jdes muito enganada
errastes decomfiada
donde podeis emtender
que errando e sendo mulher
ficais por mulher errada.

1.5.4. Versão N°4 [BGUC2]

BGUC, Cod. 359, fol. 277-277 v.

Reposta

Senhora velhiçe Ana
a quem o tempo tirou
o felice e sô deixou
a lengoa q' a tantos dana
pois o tempo dezengana
baste já de requebrar
q' engeitada heis de ficar
como sempre, foi mofina!
Achaque que de menina
vossa estrela vos quis dar

Atrevida empredeis guerra
contra Anna, o memo de Amor
por lhe usurpar o favor
do graõ monarcha da terra
mas como nella se encerra
*frio gala e discriçaõ
contra a eschola de Milão
guerreira defende oposto
E *pura pôs nos no rosto
o nome de seo Irmaõ

1.5.5. Versão N°5 [BCUG6]

BGUC Mss. 1553, fol. 165 v.-168 e 197v.-198

Gloza por Vahia

Vendo sempre dividido
o sol em duas Estrellas
força he pois influyem ellas
que andeis senhor influido; [fol. 166 v.]

Manda no mais estendido
seu doce imperio formozo
com empenho taõ forçozo:
disculpa terá se for
meu Monarca ovosso amor
o vosso enleyo amorozo.

Tanto pode esta Deydade
nesse altivo coração
que unio por mayor brazaõ
amor com a Magestade;
mas se da propria vontade
he dezempenho o primor
pagais amor com amor,
que hum principe generoso
tanto tem de primorozo
quanto de Rey, e senhor.

Essa q' se vos convida
vede como he confiada.
foy de memina engeytada
quer ser de velha admitida:
envejoza e prezumida

se fás de má prezunção
pois com sua emulação [fol. 167]

Naõ só aos mais em rigor
mas ainda asi causa dor
e naõ com pouca razaõ.

Sempre q' Anna da belleza
seja a Deoza mais fermoza
e que ella seja a Roza
com ser tambem Portugueza:
como envejoza lhe peza
das prendas q' ella entezoura
e como taõ mal se agoura
naõ lhe sofre ocoração
ver q' esta vossa affeyção
cauza tem que a desdoura.

Por isso vos aconselha,
que com inconstancia indigna
deyxando a Moura menina
busqueis huã Xpãõ velha;
que como naõ faz parelha
com ella na perfeção
pella vossa devoção
corta so sua tizoura;
pois adorais huã moura
sendo vos hum Rey Xpãõ [fol. 167 v.]

Mas essa madre civil,
que alheas dittas enveja,
inda q' Moura naõ seja
naõ he por isso gentil
Anna com lindezas mil

Moura, e gentil pode ser,
tal graça, e tal parecer
já nenhua em seu lugar
Freyra podereis achar
muy Xpãõ, q' possa ter.

Bem merece ser amada
ser vossa merece bem
pois muyto de Moura tem
por ter muyto de granada:
mas inda que vos agrada
por seu valor singular
taõ fina vos sabe amar,
que lhe sobra em seu querer
fé p^a. vos querer
discrĩaõ p^a. agradar.

Milaõ nos tempos passados
foy taõ leve, e taõ ligeyra
que de correr com tal freyra
muytos estaõ alcançados: [fol. 167]

Nunca a tantos malogrados
guardou fé, agora ufana
se vos vende muyto mana:
será por vo la guardar?
isto naõ he envejar,
esta mais q' ditoza Anna?

Esta quando ao Trono sobe
está nelle taõ sezuda
que nem de leve se muda,
nem de ligeyra se move,
naõ tem cuydados q' innove,

todo o querervos de dá,
he firme, e firme será
só por não ser liviana
por que inda q' soberana
e taõ aDeozado está.

De Anna o nome graça dis
em termos taõ diziguais,
ser Anna primeyro he mais
que ser primeiro felis:
Feliciano bem quis
confessar agraça de Ana,
Ehe certo, q' não se engana
que como melhor lhe está

Anna felice será,
mas nunca Feliciano. [fol. 197 v.-198]

Reposta as duas decimas de D. Feliciano.

A flor q' o sol entretem
seu resplendor não desdoura
por q' quanto tem de Moura,
tanto de angelica tem:
nosseu mal e vosso bem
tomáreis vos cometer
pois podendo escolha ter
no que não tendes parella [fol. 198]

Naõ foreis taõ Cristaõ velha
por ser tao gentil mulher:
Com rara desigualdade
vos murchais ella fallece
Anna Deydade parece

Feliciana de idade:
deyxay pois a vahidade
porq' a todos nos enfada
ver sendo so a chamada
ser escolhida quereis
morm^{te}. quando estais
taõ feyta a ser engeytada.

1.5.6. Versão N°6 [BCUG7]

BGUC Mss. 3254, f. 33 v.

Respta. em nome de d'El Rey á d^a Feliciana.
Advertese q' atal Anna de Moura era irmãa de Gil Vas Lobo.

Décimas

Senhora Feliciana
a quem o Mundo tirou
o felice e so deixou
a lingoa q' a todos dana:
poco o tempo a dezengana
baste já de requebrar,
q' engeitada há de ficar
como sempre foy mofina,
achaque q' de minina
vossa estrella nos quis dar.

Atrevida empredeis guerra
contra Anna o mimo do amor,
por usurparlhe o fayor
do gram Monarcha da terra:
mas como nella se encerra
brio, galla, e discrição,
contra a escola de Milão
guerreira defenda o posto.
e jura por vos no rosto
o nome de seu Irmaõ.

1 o vosso **BA2**, **BGUC6**; 2 ou vosso enleio amoroso **BA**, ou vosso trato amoroso **BPMP1**, **BNP6**; o vosso enleio amoroso **BGUC2B**; e vosso trato amoroso **BNP20**; 3 Quanto de pai e senhor **BNP20**; 4 e não com menos razão **BGUC 2B**; 5 ver que esta nossa afeição **BGUC6**, **BGUC7**; ver que esta vossa afeição **BNP20**, **BNP21**; 6 motivo tem que a desdoura **BA2**, **BGUC7**, **BNP21**, tanto tem que a desdoura **BGUC2B**; muito tem que a desdoura **BNP 20**; 7 pois adorais a uma Moira **BMPM1**; 8 mais cristãos que possam ser **BA2**, mui linda que possa ser **BPMP1**, mui linda que possa ter **BNP6**, tão christã que possa ser **BGUC2A**, tão fiel que possa ser **BGUC2B**, tão Christão que possa ter **BGUC6**, tão discreta que possa ter **BGUC7**, **BGUC21**; mais digna que esta ter **BNP20**; 9 discrição para adorar **BGUC2B**, **BNP20**; 10

isto não é enojar **BGUC2A**; 11 essa mais que feliz Ana, **BNP20**; 12 posto que soberana **BGUC2A**, que posto que soberana **BNP6**, **BNP20**, que ainda que soberana **BNP21**; 13 se tão **BPE6**; 14 e tem a deoza está **BPMP1**; e tão ditoza esta **BGUC2B**; e taõ adeozada está **BGUC6**

a «Gil-Vaz»; por que D. Anna de Moura era irman de Gil Vaz Lobo.

1.5.7. Versão N°7 [BNP20]

BNP, L. 53339 P., pgs. 228-233

D. Angelica de Moura a D. Feliciano de Milão

A Flor do Sol entretém,
seu resplendor não desdoura,
por que quanto tem de Moura
tanto de *Angelica* tem.
No seu mal o vosso bem
tomáreis vos converter!...
e podendo escolha ter
no que não tendes paréllhas,
não foreis vos christan *velha*,
foreis mais gentil mulher.

Com rara desigualdade
vós morchais, ella florece:

Anna deidade parece,

Feliciano de idade.

Deixai pois essa vaidade
por que a todos nos enfada,
pois que sendo só chamada
ser escolhida queiraes,
maiormente quanto estais
affeita a ser enjeitada.

O rei a D. Feliciano pelas consoantes das suas décimas

Minha freira, o meu amor,
o meu enleio amoroso,
nada tem de primoroso,

por ser o rei e senhor.
Assim, não vos cause dor,
que não ha disso razão;
por que esta minha afeição
nada tem que a desdoura,
pois adorar a tal *Moura*
pode bem um rei christão.

Nunca podereis achar,
nem menos podereis ter
quem me possa merecer
como ella, nem me adorar,
para mais invejas dar
a todas, amo a Donna Anna
por prenda a mais soberana,
e, se em minha graça está,
«Anna felice» será
e mais que *Felice Anna*.

Contra D. Feliciana

Senhora Feliciana
A quem o tempo tirou
o *felice* e só deixou
a língua que a todos damna;
pois o tempo desengana
basta já de requebrar,
que enjeitada heis de ficar,
por que sempre foi mofina,
achaque, de menina,
vossa estrella vos quis dar.

Atrevida, emprehendeis guerra

contra Anna, mimo de amor,
por lhe usurpar o favor
do grão-monarcha da terra;
mas como n'ella se encerra
tanta gala e descripção
contra as forças de *Milão*
guerreira defende o posto,
e jura pôr-vos no rosto
o nome de um seu irmão^a.

D. Feliciano a D. Anna de Moura

De ser ditosa se enfada
quem ditas proprias apura;
que examinar a ventura
é diligencia arriscada,
agora, por *declarada*,
ficais, madre, *escuricida*;
deixaes de ser conhecida
agora que vos mostraes;
e mais ignorante estaes
depois que estaes entendida.

Pezai-vos, primeiro, mana,
e vireis a achar depois
que, Anna, mui *pezada* sois,
por que sois mui *leviana*.

Por favor vos desengana
quem vos culpa a presumpção.

Mal pode haver affeição
onde não ha semelhante;
pois para amor tão gigante
é vosso amor muito anão.

Sois *Loba*, e parece mal,
por não ser coisa que quadre
que queira a *loba de um padre*,
parecer opa real!

Moura sois, e, como tal,
é justo que em vosso amor
sofrais qualquer dissabor
sem tomar tanta licença;
que vai muita diferença
de uma moura a seu senhor.

Mais que louco atrevimento
é disparate cantado
avaliar por cuidado
o que é só *divertimento*^b
N'este vosso pensamento
julga o prudente varão
que é ridícula ambição
esperar vossa franqueza;
já que o Lobo vos despreza
que vos estime o Leão^c.

Suspendei vossa carreira,
pobre barca de pescar;
que ides metter-vos ao mar
sahindo de uma Ribeira^d.
Não vos engolpheis ligeira,
pois tendes já descoberto
que estaes posta em tal apêrto
e em tal p' rigo estaes posta
que se não derdes á costa,
dar nos cachopos é certo.

Mas d'estas aguas áquellas
não vedes vós quanto dista?
e não pode ser bem vista
quem anda as apalpadelas?
Recolhei as fracas vellas
por que ides muito enganada;
errastes por confiada;
d'onde podeis entender
que, errando e sendo mulher,
ficaes por *mulher-errada*^e.

a «Gil-Vaz»; por que D. Anna de Moura era irman de Gil Vaz Lobo.

b A poetisa conhecia bastantemente os amores simplesmente «divertidos» do monarcha.

c Allusões que ellas lá intendiam.

d Allusão genealógica.

e Synonimo do mais injurioso nome que podia desfechar contra a rival.

l segue-se “gloza de algum poeta porco”.

2. Mote

*BA Cod. 49-III-52 N° 170 [fol. 266 v.]*¹

Mote de D. Feliciano

Do meu dano estou contente
que diz que por my derrama
muitas lagrimas na cama
naõ sey se he assim ou se mente

¹ segue-se “gloza de algum poeta porco”.

3. Carta dos Acertos

3.1. Identificação de Testemunhos

BNP2 [Mss 72, 1º, fol. 16-17 v.]

BNP17 [Cod. 13305, fol. 1-4v.]

ANTT1 [1073, fol. fol. 188 v.-189v.]

BA3 [Cod. 51-II-40, pgs. 382-391]

3.2. Relação de Testemunhos

Texto-base

BNP2 [Mss 72, 1º, fol. 16-17 v.]

Outras Versões

BNP17 [Cod. 13305, fol. 1-4v.]

ANTT1 [1073, fol. 188 v.-189v.]

BA3 [Cod. 51-II-40, pgs. 382-391]

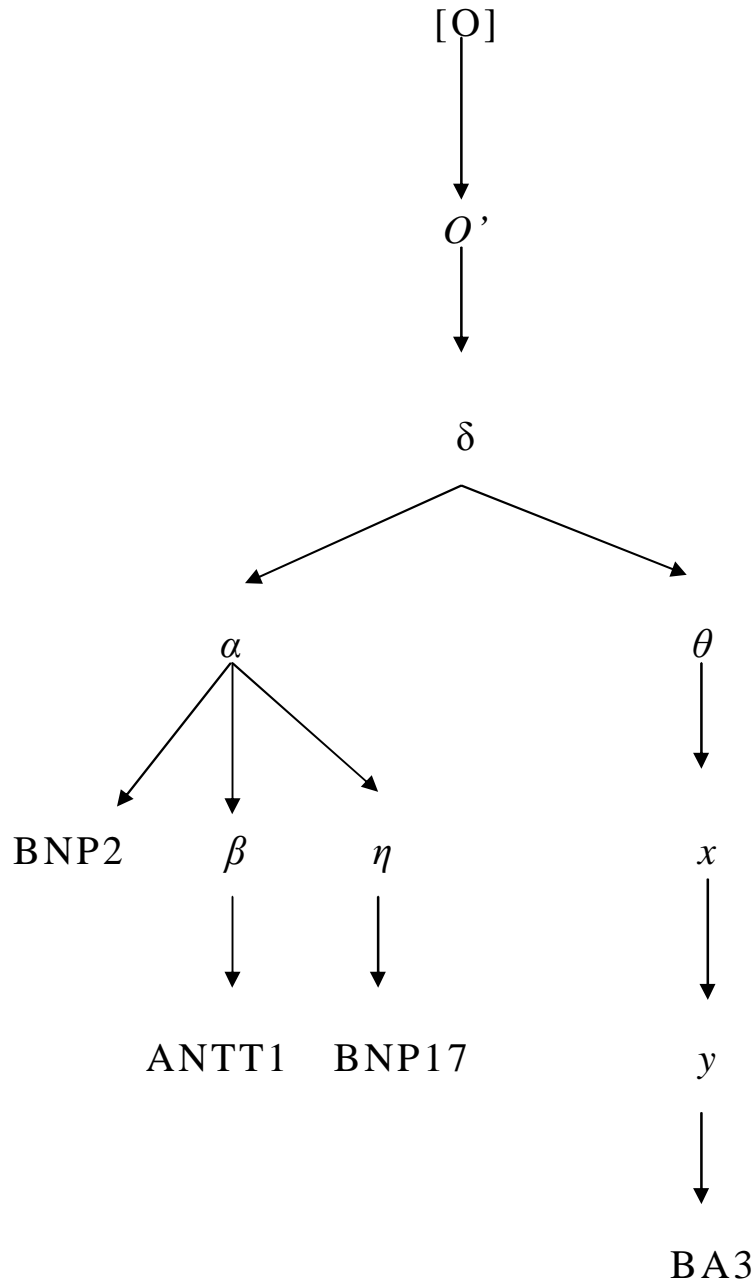
As lições de **BNP2** encontram-se sempre acompanhadas por outro testemunho, e apresenta as melhores soluções de leitura, pelo que foi escolhida como texto-base.

BA3 partilha muito pouco texto em comum com as versões anteriormente apontadas, entre acrescentos e rasuras numerosas e frequentes. O seu nível de variação implica a existência de vários erros disjuntivos, indicando então que existissem vários antecedentes, formados a partir do subarquétipo θ .

BNP2 aproxima-se mais de **ANTT1** e **BNP17** do que **BA3**. Porém, há lições de **BNP2** que constituem variantes substantivas em relação a estas duas versões. Sendo estas variantes substantivas erros separativos, isso indica que terá existido um antecedente comum a **ANTT1** e **BNP17**, identificado como α . As inúmeras diferenças entre **BNP17** e **ANTT17** indicam que tenha existido um antecedente a cada uma delas. **BNP17** demonstra alguma contaminação com a família θ , embora não suficiente em termos de acrescentos para ser apógrafo.

Reforce-se que se, como tudo indica, a carta for apócrifa, isso alterará a concepção do *stemma codicum*, já que o testamento pode ser a base do texto, e a carta adicionada depois. Com o contágio já existente entre os dois textos, e alargado se se verificar a hipótese enunciada, esses factos tornarão muito mais difícil de determinar a relação entre os testemunhos.

1.1. Representação gráfica da relação entre os testemunhos



1.2. *Carta dos Acertos – texto fixado*

Carta a huã Dama, que por desprezar o seu amante se mostrava com elle desdenhoza vendo lhe entender que o seu amor era morto, por cuja causa era por ella desprezado.

Minha Senhora, desejo¹ eu tanto acertar em fazer a V.M.² huã lisonja, que me acho obrigado a pedir-lhe³ alviçaras da mesma noua, de que pudera esperar se ma dessem pesames; he esta a noticia⁴ da morte do meu amor, que algum dia tive por vangloria, e V.M. por⁵ persiguição. Já agora se vera V.M. livre desta mas eu não daquella, porque as felicidades do acerto não se desluzem no impossivel⁶ do logro, nem he tão glorioza a ventura de alcançar, como a generozidade⁷ de merecer⁸. Alguns querem que V.M. fique encarregada⁹ nesta morte, mas eu o não consinto; porque as Deydades may's se acreditaõ na compaxaõ com que remedeiaõ, que¹⁰ na severidade com que mataõ; e ainda que V.M. tomasse como delictos os meus extremos, sempre havia de achar¹¹ may's decentes as galhardias de hũ perdaõ, que os horrores de hũ castigo¹²; o certo he, minha Senhora¹³, que elle morreo, porque tinha os seus dias acabados, não digo porque tinha acabados os seus annos¹⁴, porque os que a V.M. servio, pareceraõ poucos dias¹⁵.

Começou a sua queixa pellos arrepiamentos¹⁶ de hum susto, e veyo a parar nos frios descobertos¹⁷ de hũ temor. Veja V.M. qual¹⁸ seria o frio, contra quem não valeraõ os privilegios do fogo? Quis abafa-lo a cautela, mas descobriao¹⁹ a desconfiança, porque se V.M.²⁰ conheciaõ como febres no pulso, alteraçõens²¹ no cuidado, e compaxaõ na alma²², dizendo a boca em securas, o que o peito sentia em lauaredas; e hindo assim o pezar em crescimento, e o socego em declinaçaõ, veyo a²³ descobrirse na traiçaõ a malignidade, e no engano o perigo. Chamey logo o conhecimento como Medico experimentado, e na primeira vizita, ponderãdo os symptomas da doença lhe receitou sangrias, que eu não²⁴ consenti se lhe dessem, por temer que²⁵ lhe apressariam²⁶ a morte as mesmas picadas do ciume, por ser barbeiro tão cego, que nunca deu picada, que não offendesse as arterias da firmeza, ou não tolhesse os nervos da Comunicaçaõ. Applicou por aprovadissimas as pirolas do dezengano, mas como²⁷ se fizeraõ na botica do tempo (que tudo se acha no tempo como na botica) adoçou as amarguras porque dourou as pirolas²⁸; e veyo assim amalograr a rebuço à actividade do

remedio. Já entãõ [fol. 16 v.] via o conhecimento a evidencia do perigo, e perdoava aquellas offensas, que naõ podendo disculpar a cautela, so pode encobrir a mortalha, entrando²⁹ logo em delirios, fallou algumas palavras de pouco acordo, mas de muito sentido, e sem duvida se julgariaõ por locuras, a naõ ser sempre³⁰ o meu amor taõ contrario a variedades. Acudia a exhorta-lo a Fortaleza com gritos seus, e clamores da constancia, tornou em si, e tendo na maõ por candeia a luz da razaõ, sem mostras de contriçaõ nem sinais de arrependimento; deu³¹ o ultimo alento nos meus braços aquelle Amor que teue a brandura da cera,³² a firmeza do ouro, e a constancia do marmor; sem que lhe vallese nem contra a morte a constancia, nem contra o engano a fineza, nem contra o³³ rigor a brandura. Ja la estã naterra da verdade, porque naõ pode achar verdade cá na terra; já creyo que a V.M. lhe fará³⁴ lastima a sua ruina, a sim lhe ordenei que fizesse logo testamento, o que elle fez igualmente constante que dezenganado³⁵.

¹ Muitos tempos há, que a experiencias de meus males, me tem dado a conhecer a izempçaõ de meus bẽns, mas o que se préza de Amante, sempre admitiõ no disfarce o mais rigoroso desdem. Êsta he a cauza porque tolerey no brando deste meu peyto a immensidade das settas do seu empedernido coraçãõ; que sendo céra para quem o nam adora; foy de bronze para quem firme o amor. Cresceu tanto a maré cheya de meus agravos, que nunca tivéraõ na vazante limite em tua mudansa; e nesta nauta, tanto eu, como o teu Amante, possuihimos boas enchentes. Eu, a da maré da tormenta em que naufragavam meus sentidos; e

elle, a enchente dos teus carinhos, em *que* felizmente navegavam seus cuidados. E vindo tão arriscado no mar destas amarguras, sendo o meu amor Piloto, que não receyava os perigos, veyo a sentir o naufragio no combate das Ondas, em que se submergiram os seus empenhos, experimentando dar á costa na pedra do dezekano; em a qual, desfazendo-se a Não do meu tormento; quebrandose os mastaréos dos meus excessos; e rompendose as vellas dos meus dezejós. Chegou a sossobrar infeliz êntre os rochedos; que estes muitas vezes, servem de amparo áquelles que a Fortuna tem mais desfavorecidos. Posto pois meu amôr na agonia de sua mayor afflicção, como nos tranzitos da morte, e nos ultimos parocismos da vida, não deixou de se lembrar da Alma; quando do padecimento não livrára o corpo. Dezejo eu **BA3**; 2 *omite* a V.M. **BA3**; 3 pedir-te **BA3**; 4 *omite* noticia **BA3**; 5 lisonja, e perseguição **BA3**; 6 na felicidade do logro **BNP17**; 7 gloria de merecer **ANTT1**; 8 agora te verás livre deste empessilho; porque, se te mortificavas com seus disvelos; alegra-te hoje com as cinzas dos seus estragos. Mas felicidades do acerto se desluzem nos impossiveis do logro; não he tão gloriosa a ventura do alcançar, como é generoso o affecto para merecer. **BA3**; 9 Alguns querem ficasses tu encarregada **BA3**; 10 do que **BA3**; 11 havia achar **BNP2**, havias de **BA3**; 12 do que os deslustres dos erros de um castigo. **BA3**; 13 *omite* minha senhora **BA3**; 14 dias **ANTT1**; 15 *omite* não digo porque tinha acabados os seus annos, porque os que a V.M. servio, pareceraõ poucos dias **BA3**; 16 pelos justos; e veio **BA3**; 17 *omite* descobertos **ANTT1**; 18 que tal **BNP17**; 19 descobrio **BNP17**, descobrio-o do seu brio **BA3**; 20 lhe **BA3**; 21 o que eram **BA3**; 22 e paixões na alma, e agastamentos no coração; 23 *omite* assim o pezar em crescimento, e o socego em declinação, veyo **BA3**; 24 logo sangrias, que não **BA3**; 25 *omite* **ANTT1**; 26 apparecesse **BNP17**, applicassem mais **BA3**; 27 como estas **BA3**; 28 doiraram as pirolas **BA3**; 29 remedio; o infructuoso do efeito; e alcansando o meu amor o conhecimento do perigo, perdoou aquelas ofensas; que não podendo desculpar a mágoa da tua tirania, só pode encobrir a mortalha de tuas ofensas. Entrando **BA3**; 30 *omite* sempre **BA3**; 31 *omite* e tendo na mão por candeia a luz da razaõ, sem mostras de contrição nem sinais de arrependimento; **BA3**; 32 e a **ANTT1**; 33 o engano a fineza, nem contra **BA3**; 34 não achou a verdade cá na Terra. Agora creio a ti te fará **BA3**; 35 lhe fizesse; o q' elle dictou desta sorte, igolmte. conste., como de todo dezekanado, e não aborrecido. **BA3**

1 *Precedido por*: «Carta para huma Dama que por desprezar o seu Amante se mostrava com elle desdenhoza».

2. *O Testamento de Cupido*

2.1. Versão Nº1 [BNP Mss 72, 1º]

BNP Mss 72, 1º, fol. 16v.-17 v.

[precedido de: «Carta a huã Dama, que por desprezar o seu amante se mostrava com elle desdenhoza vendo lhe entender que o seu amor era morto, por cuja causa era por ella desprezado.»]

Ja que he chegada aquella ultima ora, e aqui por extremos de minhas contas, tenho que dar contas de meus extremos; estando em meu juizo perfeito, perfeito quero fazer meu testam^{to}.; e p^a. que acabe com catholicas demonstraçoẽs, he bem que renúncie gentílicas barbaridades. He verdade que m^{tos}. mederaõ nome de D's, sendo eu taõ escasam^{te}. homem, que nunca passey de ser minino. Fingiraõ que tinha Imperio nas vontades, mas isto foy vontade de fingir Imperios; e senaõ digao abelleza a quem sempre paguei em rendidas veneraçoens reverentes vassalagens, e aquem sempre mostrei que os mandam^{tos}. da /sua\ ley eraõ artigos da minha fé. Dizem que antigamente tive Templo e tive Altar, mas o Templo arruinou a *erudiçaõ eo Altar profanou-o á experiencia, porque eu me naõ lembro ser buscado como victima, servindo os maos attributos de holocausto á descriçaõ, e de sacrificios à belleza. QUE outra couza foy sempre a minha fineza, mays que huma fé de officios, em que tenho os extremos por serviços, no tribunal da fermozura, sepretenderaõ fauores por despachos. QUE outra cousa foraõ sempre as minhas ansias, mays que hum fino escandalo das estrellas sendome taõ contrarios seus influxos que p^a. o meu mal tiveraõ sempre à firmeza do Norte e para o meu bem ainconstancia dexhalaçoens? Isto supposto, bem seue, quaõ pouco credito sepode dar ás fabulozas [fol. 17] adoraçoens, com que *prendas de *amantes os Poetas antigos, quizeraõ lizongear a minha vaidade, ecom quanto dezapego me devo despedir de hum mundo em que naõ ha mais politica que o engano, mais leal^{de}. que a traiçaõ, mais llaneza que a cautella, mays firmeza que a mudança, mays verdade que a lizonja, e mays satisfaçaõ que as offensas? epor isso nesta ultima ora, quizera acertar com o caminho do descanço, que em todaaminha vida me naõ deixou ver naõ sei se o engano alheo, se a cegueira propria?

Deixo a minha alma por minha universal herdeira, e suposto que naõ ache interesses nesta herança considero q lhe ficaõ livres a perola da memoria, eo diamante do entendimento, que so a vontade deixo empenhada para gastos secretos do appetite. E

tambem deve advertir fica sem dividas porque nunca achey q^m. me apuzesse emobrigaçõens, antes poderâ ser que selhe fizessem justiça, lhe mandassempagar todos os serviços que lhe está devendo a belleza.

Item quero, que o meu corpo, quando não seja sepultado no esquecim^{to}., se enterre em segredo deitandose no mar, de quem dizem alguns q minha Mae naceo; porque donde ella teue oberço quero eu ter o sepulcro, pues me deitou aeste mundo só para ser despojo das bellezas, e ludibrio das esquivanças; e ainda que parea injusto que aos rayos deagoa se intendaõ os Imperios do fogo, quem quer poderâ conhecer, que humas chamas mortas, não são mays q humas cinzas frias. □A minha vontade que não servio mays neste mundo, que para disfarsar loucuras com máscaras de cegueira; em honrar desatinos com titulo de /extremos\, sendo não mais que estorvo davista, e embaraço da rezaõ quero que se metire, eme rompa antes do meu fallecim^{to}, porque quando amanhece alus do dezengano, he sem que se desvaneçaõ astrevas da cegueira.

As minhas azas que nunca serviraõ mays que para medarem penas, por que nunca me incitaraõ a voos que não acabassem emprecipicios, quero que fiquem ao meu acordo, p^a. que sejaõ plumas do dezengano se athe agora foraõ gallas da vaidade.

Das minhas setas não disponho, porque me deixou sem ellas, /ou a\ rezistencia do objecto, ou a brandura do /arco\, perdendose humas no mao logro do tiro, quebrandosse outras nadúreza do peito. O arco que em fé do meu rendim^{to}. nunca o soube ser do meu triumpho, pois a emulaçaõ do Iris, me prometeo sempre mays diluvios, que serenidades, [fol. 17 v.] mando que sequebre ás violencias da minha dor, e so fique acorda p^a. que por ultimo termo da minha vida se dé cruel garrote ás minhas esperanças. □Naõ tenho mays de que dispor que ainda os que me intitularaõ Deos, me não desconheçeraõ pobre tenho só os bens na experiencia; verdade he que deixo na minha fineza muy boa roupa, mas nenhuma fica em folha, porque toda foy do meu trato, ecomo lhe deixo tanto uzo, não quero que fique a outrem, porque senaõ veja em breves dias a minha fineza com algûs remendos.

Mando que o meu corpo se leve sem pompa funeral, porque não he justo que se enterre com honras, quem sempre viveo entre desprezos; tambem não he minha vontade que se deite luto por minha morte porque se em vida não houve quem tivesse de mi lastima, não quero que na morte haja q^m. tenha de mim do.

Assim acabou o Amor o seu testamento, em que sendo testemunhas os sentidos, foy quem o aprovou o entendim^{to}.; acabou de testar, e pedindo a todos perdãõ dos seus

excessos, declarou que era justo acabasse com a morte o desdem, quando acaba com a vida o Amor.

2.2. Versão Nº2 [FR 1356]¹

FR 1356 (Cod 13305), fol. 1-4 v.

Carta

Ja que chegada aquella ultima hora em que por extremos de minhsa contas tenho q dar conta de meus extremos, estando em meu juizo perfeito, perfeito quero fazer meu testamento; e para que acabe com catholicas demonstraçoens he bem que renuncie gentilicas barbaridades. He verdade que muytos mederaõ nome de D's, sendo eu taõ escaçamente homem, que nunca passey de ser menino, fingiraõ que tinha Imperio nas vontades, mas isto foy vontade de fingir Imperios, e senaõ digam a belleza a quem sempre paguei em rendidas veneraçoens reverentes vassalagens, e a quem sempre mostrey os mandamentos da sua ley eraõ artigos da minha fé. Dizem que antigamente tive Templo, e altar, mas o Templo a ruinoo a ambiçaõ deste altar profanoo á experiencia, porque eu me não lembro ser buscado como victima servindo os meus attributos de holocausto a descrissaõ, e de sacrificios a belleza, que outra couza foy sempre a minha fineza mais que huma fé de ifficios, em que tendo os extremos por officios, no tribunal da fermozura sepertenderaõ favores por despachos; que outras cousas foraõ sempre as minhas ancias, mais que hum fino escandalo das Estrellas sendome taõ contrarios seus influxos que para o meu mal tiveraõ sempre à firmeza do Norte e para o meu bem as inconstancias de exhallaçoens: Isto supposto bem sevê, quam pouco credito, sepode dar ás fabulozas adoraçoens comque prezados de amantes os Poetas antigos quizeraõ lizongear a minha vaidade, e com quanto dezapego [fol. 3 v.] me devo despedir de hum mundo, em que não ha mais politica que o engano, mais lealdade que a traiçaõ, mais llaneza que a cautella, mais firmeza que a mudança mais verdade que a lizonja, e mais satisfaçaõ que as offensas, e por isso nesta ultima hora, quizera a certar com o caminho do descanço, que em toda a minha vida me não deixou ver não sei se o engano alleo, se a cegueira propria.

Deixo a minha alma por universal herdeira, e suposto que não ache interesses nesta herança considere q lhe ficam livres a perola da memoria, e o diamante do entendim^{to}. que so tenho empenhada a vontade para gastos secretos do appetite, e tambem deve advertir fica sem dividas porque nunca achey em q^m. puzesse

emobrigaçõens, antes poderâ ser que se lhe fizera justiça lhe mandara pagar os serviços que lhe estâ devendo a belleza.

Item quero que o meu corpo quando [fol. 4] não seja sepultado no esquecimento, se enterre em segrado deitandose no mar de quem dizem alguns minha may venus naceo; porque donde ella teue o berço quero eu ter o sepulchro, pois me deitou a este mundo só para ser despojo das bellezas, e ludibrio das esquivanças, e ainda que paresa injusto que aos rayos de fogo se extendão os Imperios da agoa quem quer poderâ conhecer que humas chamas mortas, não são mais q humas cinzas frias.

A minha venda que não servio mais neste mundo que para disfarçar loucuras com mascaras de cegueira, e honrar dezatinos com titulo de extremos, sendo não mais que estorvo davista, e embaraço da rezaõ quero que se metire, e se me rompa antes do meu fallecim^{to}, porque quando amanhece alus do dezengano he bem que se desvaneçaõ astrevas da cegueira.

As minhas azas que nunca serviraõ mais que para medarem penas porque nunca [fol. 4 v.] me incitaraõ a voos que não a cabasse emprecipicios, querem que fiquem ao meu a cordo para que sejaõ plumas do dezengano se athe agora foraõ gallas da vaidade.

Das minhas settas não disponho porque me deixou sem ellas, ou a rezistencia do objectom ou a brandura do arco, perdendose humas no mao logro do tiro, que brandosse outras naturezas do peito; O arco que em fé do meu rendimento nunca o soube ser do meu triumpho, pois a emulação de Iris me prometeo sempre mais diluvios, que serenidades, mando sequebre ás violencias da minha dor, e sô fique a corda para que por ultimo termo da minha vida, sedê cruel garrote ás minhas esperanças. Não tenho mais de que dispor, porque ainda os que me intitularaõ D's, me não desconheçeraõ pobre, tendo só os bens na experiencia; verdade he que deixo na minha fineza muy boa roupa, mas nenhuma fica em folha, porque toda foy do meu trato, e como lhe deixo tanto uzo, não [fol. 4 – marcado quatro mas é cinco] quero que fique a outrem, porque senaõ veja em breves dias a minha fineza com alguns remendos.

Mando que o meu corpo se leve sem pompa funeral, porque não he justo que se enterre com honras quem sempre viveo entre desprezos; tambem não he minha vontade que se deite luto por minha morte, porque se em vida não ouve quem tivesse de mim lastima, não quero que na morte haja q^m. tenha de mim dó.

Asim acabou o amor o seu testamento em que sendo testemunhas os sentidos, foy quem o aprovou o entendimento. Acabou de testar, e pedindo a todos perdão dos

seus excessos de clarou que era justo acabasse com a morte o desdem quando acaba com a vida o amor.

2.3. Versão Nº3 [BA 51-II-40]²

Biblioteca da Ajuda, 51-II-40: pg 382-391

Testamento de Cupido

Deos do Amor

o qual Elle fez, achandose enfermo
com os ciúmes, e ingraticidões de
huma Belleza.

Dirigido em huma Carta

á dita Belleza

culpada na morte do mesmo. [pg. 381]

Carta

dirigida á mesma Belleza culpada

Minha S^{ra}.

Muitos tempos há, que a experiencias de meus males, me tem dado a conhecer a
izempção de meus bñs, mas o que se préza de Amante, sempre admitio no disfarce o
mais rigoroso desdem. Êsta he a cauza porque tolerey [pg. 382] no brando deste meu
peyto a immensid^e. das settas do seu empedernido coração; que sendo céra para quem o
nam adora; foy de bronze para quem firme o amor.

Cresceu tanto a maré cheya de meus aggravos, que nunca tivéraõ na vazante
limite em tua mudansa; e nesta nauta, tanto eu, como o teu Amante, possuihimos boas
enchentes. Eu, a da maré da tormenta em que naufragavam meus sentidos; e elle, a
enchente dos teus carinhos, em que felizm^{te}. navegavam seus cuid^{os}.

E vendo taõ arriscado no [pg. 383] mar destas amarguras, sendo o meu amor
Piloto, que não receyava os perigos, veyo a sentir o naufragio no combate das Ondas,
em que se submergiram os seus empenhos, experimentando dar á costa na pedra do
dezenqano; em a qual, desfazendose a Não do meu tormento; quebrandose os mastaréos
dos meus excessos; e rompendose as vellas dos meus dezejos. Chegou a sossobrar

infeliz entre os rochedos; que estes muitas vezes, servem de amparo áquelles que a Fortuna stem mais desfavorecidos.

Posto pois meu amôr na agonia de sua mayor afflicção, como [pg. 384] nos tranzitos da morte, e nos ultimos parocismos da vida, não deixou de se lembrar da Alma; quando do padecimento. não livrara o corpo.

Dezejo eu tanto acertar em fazer huã lisonja, que me acho obrigado. a pedirte alvôceras da mesma nova de que podera esperar se me dessem pêzames. He ésta, a da morte do meo Amor; que algũ dia tive por vangloria; e tũ, por lisonja, e perseguição. Já agora te veráz livre deste empessilho; porque, se te mortificavas com seus disvellos; alegre-te hoje com as cinzas dos seus estragos. [pg. 386]

Mas como as felicidades do acerto, se desluzem nos impossiveis do lôgro; não he tão glorioza a ventura do alcansar, como he generozo o affecto para merecer. Algũs querem ficasses tú encarregada nesta morte: mas eu o não consinto; porque as Deydades, mais se acreditam na compaixão com que remedeam, do que na severidade. com que mátam; e ainda que tũ tomasses como delictos os meus extremos: sempre havias de achar mais decentes as galhardias de hum perdaõ, do que os deslustres dos êrros de hum castigo. [pg. 386]

Mas o certo he, que se elle morreu porque tinha os seus dias acabados, comessou a sua queixa pelos justos; e veyo a acabar pellos frios de hum temór. Vê tú, qual seria o frio, com que não valeram os privilegios do fogo! Quis abafalo acautela; mas descobrio-o do seu brão a desconfiansa; porque já se conheciam como febres no pulso, o que eram alteraçõens no cuidõ., paixõens na alma, e agastamentos no coração; dizendo aboca em secúras, o que sentia o peito em labaredas.

E indo a descobrir na traição [pg. 387] a malignidade, e no engano o perigo, chamey logo o conhecimto. por Medico experimentado; e na primeira vezita ponderando os syntomas da doensa, lhe receitou logo sangrias: que não consenti se lhe dessem, por temêr que lhe applicassem mais a morte as mesmas picadas do ciũme; por ser Barbeiro tão cêgo, que nunca deu picada que não offendesse as artérias da firmeza, e não tolhesse os nervos da comunicação.

Aplicoulhe por aprovadas as pírolas do dezengano; mas como éstas se fizeram na Botica do Tempo /que tudo se acha no Tempo, como na Botica/ adoçou-as da amargura, porque as doiraram, e assim, veyo o mal a lograr no rebusso da actividade do remedio, o infructuozo do effeito; e alcansando o meu amor o conhecimento do perigo,

perdoou aquellas offensas; que não podendo desculpar a mágoa da tũa tiranãa, só pode encobrir a mortalha de tuas offensas.

Entrou em delirio: falou algumas palavras de pouco acôrdo, mas de m^{to}. sentido; e sem dúvida se julgariam por loucuras, a não ser o meu amor taõ contrário a variedades. Acodio a exortalo a Fortaleza com gritos dos clamores da confiansa. Tornou em sý: deu o último alento nos meus brassos aquelle Amôr, que teve a brandura da cêra, a fineza do ouro, e a constancia do mármore: sem que lhe valesse, nem contra a morte a constancia, nem contra o rigor, a brandura.

Emfim, lá está na Terra da verd^e., porque não achou a verd^e. cá na Terra. Agora creyo a tý te fará lástima a sua ruína; eassim me ordenou que logo o seu testam^{to}. lhe fizesse; o que elle dictou desta sorte, igoalm^{te}. const^e., como de todo dezengonado, e não aborrecido. [pg. 390]

Testamento de Cupido.

Já que he chegada aquella última hora, em que por extremos de minhas contas, tenho de dar conta de meus extremos; estando em meu juizo perfeito, perfeito quero fazer meu Testam^{to}.; e para que acabe com catholicas demonstraçoens, he bem que renuncie gentilicas barbarid^{es}.

He verdade, que muitos [pg. 391] me déram o nome de Deos, sendo eu taõ escassamente Homem, que nunca passey de Menino. Fingiram, que eu tinha Imperio nas vontades; mas isso foy vontade de fingir Imperios: e se não, diga-o a Belleza a quem sempre paguey rendidas veneraçõens; reverentes vassalagêns; e aquem sempre mostrey, que os mandam^{os}. da sua Ley, éram artigos da minha fé.

Dizem, que antigamente tive Altar, e tive Templo: arruinou o Templo a ambição; e o Altar profanou-o a experiencia; porque me não lembro de ser buscado [pg. 392] como Deydade; mas só sim de ser sempre offerecido como vítima; servindo os meus atributos de holocaustos á Descripção, e de sacrificios à Belleza. Que outra coiza foy sempre a minha fineza, mais que huma fé de Officios; em que tendo por serviços os affectos no Tribunal da Formuzura; se pretendêram favores por despachos; só conseguiram ingraticidões por prémio? Que outra coiza foram sempre as minhas ancias, mais do que hum escândalo das estrelas; sendome taõ contrários seus influxos, que para o meu mal, tiveram a firmeza do [pg. 393] Norte; e para o meu bem, a incónstancia de exalaçoéns?

Isto suposto, bem se vê quão pouco crédito se deve dar ás fabulosas adulaçoéns, com que prezados de Amantes os Poetas antigos, quizeram lizongear a minha vaydade; e com quanto dezapêgo me devo despedir de hum Mundo, em que não há mais politica que o engano; mais lealdade, que a traição; mais lhaneza, que a cautella; mais firmeza, que a mudansa; mais verdade, que a lizonja; e mais satisfação, que as offenças? E por isso, nesta última hora quizera acertar [pg. 394] com o caminho do descanso, que em toda a minha vida me não deixou ver, não sey se o engano alheyo, se a cegueira propria.

Declaro, que môrro; não por minha vontade, mas só sim por vontade alheya; porque, se como Amor tenho qualidade de fogo; e este não pôssa durar, ou existir sem ter sustancia com que se nûtra, ou materia em que se alente: da mesma sorte não pôde o meu ardôr durar, sem a correspondencia que o ânime; quando a encontro taõ falta de agradados, e de favores, como taõ cheya de embustes [pg. 395] e falsidades. E nesta certeza, seguindo as minhas últimas dispozições, irey fazendo as minhas deixas; já que tanto a alheya constancia me tem deixado.

Deixo a minha Alma por universal herdeira; e suposto, que não ache interesses nesta herança, concidere que lhe ficam liures a pérola da memoria, e o diam^{te}. do entendim^{to}., e só deixo a vontade empenhada para gastos secretos do appetite. Tambem deve advertir, que fica sem dívidas; porque nunca achei quem a pozesse em obrigaçoéns: antes poderá ser, que /se lhe fizessem justissa/ [pg. 396] lhe mandassem pagar os servissos, que lhe está deuyendo a Belleza.

Item: quero que o meu corpo, quando não seja sepultado no esquecimento, se entérre em sagrado; deitando-se no Mar, de quem dizem algúns que minha Máy Venus nascêra; porque, donde ella teve o berço, quero eu ter o sepulcro, pois me deitou a este Mundo, só para ser despojo das Bellezas, e ludibrio das esquivansas; e ainda que pareça injusto, que ao lume da agoa se extendam os Imperios do fogo: qualquer poderá [pg. 397] conhecer, que hûas chamas mortas, não são mais do que humas cinzas frias.

Item: a minha venda, que não servio nesse Mundo, mais que para disfarsar Loucuras com máscara de alegrias, e chorar dezatinos com titullo de extremos, sendo não mais que estôrvo da vista, e ambarasso da Razaõ: quero, que se me tire, e se me rômpa antes do meu falessimento; porque, quando amanhece a luz do dezengano, he bem que se desvaneção as trévas da cegueira. [pg. 398]

Item as minhas ázas, que nunca me servíram mais do que para me darem penas; porque nunca me incitáram a voos, que não acabassem em precipicios: quero que me

fiquem a meu acórdo; p^a. que sejam plumas do dezengano; se athé agora foram gallas da vaydade.

Item: das minhas settas não disponho, porque me deixou sem ellas, ou a hezistencia do Objecto; ou a brandura do Arco; perdendose humas no máo lôgro do tyro; quebrandose outras [pg. 399] na dureza do peyto.

O Arco, que em fé do meu rendimento, nunca o coube ser do meu Triumfo; pois á emulaçã de Iris, me prometeu sempre mais deluvios, que serinidades: mando, se me québre ás violencias da minha dôr; e só fique a córda, p^a. que por último termo de minha vida, dê cruel as minhas esperansas.

Não tenho mais de que dispôr; porque ainda oque me intitulavam Deos, me desconhecêram pobre; tendo só os bêns [pg. 400] na experiencia. Verdade he, que deixo na minha fineza m^{to}. boa roupa; mas nenhuma fica em folha, porque toda fou do meu tracto; e como lhe dey tanto ûzo, não quero que fique a outrem; porque se não veja em breves dias a minha fineza com algúns remendos.

Mando, que o meu corpo se leve sem pômpa funeral; porque não he justo se entérre com honras quem sempre viveu entre desprêzos. Tambem não he minha vontade, que se deixe [pg. 401] luto por minha morte; porque se em vida não houve quem tivesse de mim lástima: não quero que na morte haja quem tenha de mim dó.

E assim acabou o Amor o seu Testam^{to}., em que sendo Test.^{as} os sentidos, foy quem o aprovou o Entendim^{to}., junto com o Deos vendado.

Acabou de testar. E pedindo a todos perdaõ de seus excessos, declarou que era justo acabasse com a morte o desdem, q^{do}. acaba com a vida o Amor. [pg. 402]

Aprovaçãõ.

Aos dez dias do mez de Dezembro de mil e setecentos e tantos; em as Cazas do Deos Cupido, aonde eu Escrivaõ da Secretaria amatoria, fuy chamado, pera aprovar o Testamento assima com que Elle faleceu.

Sua inclinaçãõ finalizou; seu cuidado pôz limite; sua esperansa foi termo; acabou seu [pg. 403] martirio; e finalm^{te}. dezenganou-o o seu dezejo: e assim lho provey, poir lho achar muy conforme ao seu intento, e afirmar ser assim a sua última vontade; pella semrazaõ que tinha uzado com elle a esquivansa; e pella muita que tinha de sua queixa, disse que perdoava ao Motôr da sua morte; e que não éra seu gosto, se

tomasse conhecimento da Cauza; porque como se não podéra dezagrar em sua vida de quem o offendeu: não queria, que ao depois da sua morte, se eximinasse [pg. 404] quem o matou; porque seria velipendio do Amor, não perdiar ao Homicida, por se ver vingado: quando o mesmo Amor, como sublime, assim como se dispôz a amar, lizongeu logo o padecer: Ao que foram testemunhas os sinco sentidos, que na hora desta Aprovaçã lhe achey muy perfeitos, por estar o Amor em seu perfeito juizo; eo Lacrey, dandolhe trez pontos de Linha, dedicados ás potencias d'alma: o prim^o. ponto, pella memoria³ de conhecer ternuras: o segundo, pello entendimento⁴ [pg. 405] de escogitar cuidados; e o terceiro, pella vontade⁵ de padecer martirios; porque o que foy amante dos extremos, logo rendeu as potencias á dureza dos alvedrios; e por ésta cauza, nenhum se izenta do padecim^{to}., por estar sogeito a q^m. nelle tem todo o dominio: de que tudo fiz este Termo de Aprovaçã, dia mez e anno ut supra. V^e.

2.4. Versão N°4 [ANTT 1073]

Testamento⁶

ANTT 1073, fol. 188 v.-189 v.

Testamento

Ja q hechegada aquella ult^a. hora, em q por extremos de minhas contas, tenho q dar conta de meus extremos; estando em meo juizo perfeyto, perfeyto quero fazer meo testamento, e para q acaba com catholicas demonstraçois, he bem q renuncie gentilicas Barbaridades.

He verdade, que mtos me deram o nome de Deos, sendo eu tam escassam^{te}. Homem, que nunca passey de ser menino; fingiram, q tinha <e> imperio nas vontades, mas isto foy vontade de fingir imperios; esenam digaó a Belleza, a quem sempre paguey em rendidas venerasiois reverentes vassalagens; eaquem sempre mostrey, que os mandam^{tos}. da sua Ley heram artigos da minha feé. Dizem q antigam^{te}. tive templo; e tive altar, mas o templo aruinouó aambiçã, e o altar profanou a experiencia; porq menam lembro ser buscado, como victima, servindo os meos attributos de holocausto á descripsam, e de sacrificios á belleza. Que outra couza, foy em mim sempre a fineza, mais q huma feé de officios, em q tendo os extremos por serviços no tribunal da [fol. 190 v.] fermozura se pretenderam favores por despachos.

Que outra couza foraõ sempre as minhas ancias, mais q hum fino escandalo das estrellas, sendo me tam contrarios, se os influxos q p^a. omeo mal tiveram sempre a firmeza do Norte, e p^a. o meu bem as inconstancias deexalaçois; isto supposto, bem seve quam pouco creditos apode dar as adoraçois fabullosas, com q prezados de Amantes os Poetas antigos quizeram lizongear minha vaydade com quanto desapego me devo despedir dehũ mundo, em q nam ha mais politica, q o engano, mais lealdade, q a trayçã, mais lhaneza, q a cautella, mais firmeza, q a mudança, mais verdade, q alizonja; mais satisfaçã, q as offenças, eporisso nesta ultima hora quizera acertar com o cam^o. do descanso, que em toda a minha vida me nam deyxou ver nam sey, se oengano alheyo, se a cegueyra propria.

Deyxo a minha alma por universal herdeyra, e suposto q nam ache interesses nesta herança, considere, que lhe ficam livres as perolas da memoria, e o diamante do [fol. 191] entendim^{to}., que só á vontade deixo empenhado p^a. gastos secretos do apetite, e tambem deue advertir, que fica sem dividas; porque nunca achey, q^m. me pusesse em obrigaçõis; antes poderá ser, q lhe mandem pagar os serv^{os}. que lhe esta devendo a Belleza.

Item quero q o meu corpo, q^{do} nam seja sepultado no esquecim^{to}. se enterre em sagrado, deytandose no mar, de quem dizem alguns, q minha May Venus nasceo; porq donde ella teue o berço quero eu ter o sepulchro, pois me deytta a este mundo só p^a. ser despojo das bellezas, e ludibrio das esperanças, e ainda, q pareça injusto, que aos rayos da agoa se extendam os imperios do fogo, quem quer poderá conhecer que humas chamas mortas nam são mais q humas cinzas frias.

Item quero, que am^a. venda, q nam servio mais neste mundo, que p^a. disfarçar loucuras com mascaras de cegueyra, e honrar desatino, com titullo de extremos, sendo nam mais, que estorvo da vista embaraço da rezam, se me tire, e se me rompa, antes de meo fallescim^{to}.; porq quando amanhece a luz do desengano he bem, que se desvaneçam as trevas da cegueyra. [fol. 191 v.]

As minhas azas, q nunca serviram mais, q p^a. me darem penas, porq nunca me incitaram a voos, q nam acabassem em precipicios, quero que fiquem ao meu accordo, p^a. q sejam plumas do dezengano, se athegora foram gallas da vaydade.

Das minhas settas nam disponho, porq me deixou sem ellas, ou resistencia do objecto, ou a brandura do arco, perdendosse humas no mao logro do tiro, quebrandosse outras na dureza do peyto.

O arco q em se de me rendim^{to}. nunca o soube ser de meo triunfo; pois aemullaçam de Iris me prometeo sempre mais diluvios, que serenidades, mando sequebre as violencias de minha dor, e só fique acorda, p^a. q prialto tr^o.da minha vida se de cruel garrote às minhas esperanças.

Nam tenho mais, de q dispor, porq ainda, os q me intitullaram Deos me nam desconhecerao pobre, tendo so os bens na experiencia; verdade, he, q deyxto na m^a. fineza muy boa roupa, mas nenhuma fica em folhas; porque toda foy do meo [fol. 192] tratto, e como lhe deixo tanto uso; nam quero que fiquem aoutrem, porq se nam veja em breves dias a minha fineza com alguns remendos.

Mando, q o meu corpo se leve sem pompa funeral; porq nam he justo, q se enterre com honras, quem sempre viveo entre desprezos; Tambem nam he minha vontade q sedeyte lutto por minha morte; porq se em vida nam houve, quem tivesse de mim lastima nam quero, que na morte haja quem tenha de mim doó.

Assim acabou o Amor o seo testamento; em que sendo test^{as}. os sentidos, foy quem oaprovou o entendim^{lo}.; acabou detestar, e pedindo a todos perdam dos seos excessos, declarou, que hera justo acabarse com a morte o desdem, quando acaba com a vida o Amor.

2.5. Versão N°5 [BNP 12932]

BNP Cod 12932, fol. 132

Verdadeiro, e ultimo Testamento de Copido

Feito na hora de sua Morte com as presiouçoens de Frey M^{el}. do Sepulcro⁷

Eu Copido por direito da Gentilidade, Rey do Amor Senhor dos Aluedrios, Princepe das Liberdades, e Dominador absoluto de todos os Coraçõens amantes por grasa de sua fermosura, Filho com duuidas de legitimo, e emferemcias de bastardo de Venus, e de Vulcano, o qual logrou contra feito o ser que anda jogando o pê sapello com todos os Officiaes, e bigorna pella ferraria vivenda, e fundisam de haueres.

Estando no mais florido de meus annos, e no mais murcho de meus tempos, porque ha tantos que me pintam Menino podendo pella minha idade ter ja branca barba: athé que desconfiado desta vida temporal a respeitos de huns flatos do entendim^{to}., maltes que hoje no Mundo sam incuraveis no amparo, se bem que so estes sem nenhuma medicina no mundo estam preualecendo;

Porque el Mundo pera um nescio
tiene Vida perdurable

Hauendo em mim respeitos de entendido, que foi sempre discreto o meu respeito, que amor inda que he doudice do juizo, he credito do entendimento, porque he somente entendido o que sabe ser entendido despedido totalmente do remedio por se hauer redizado atam incuravel o meu mal que os defensiuos sam cauza pera as loucuras, e as triagas Veneno p^a. adorasam, pois sendo única mezinha p^a. os males de amor o esquecim^{to}. sempre este em mim se encontrou com amemoria, que por mim se disse
Era el remedio oluidar
e oluidousseme el remedio. [fol. 132 v.]

Vendo o pouco que ya posso existir; porque dezabrimentos de gosto foram sempre verdugos pera a Vida e he pera a minha verdugo da quelle sepulcro os dezabrimentos, pois me da tantos pezares, dandolhe eu tantos deleites: faço este meu ultimo testamento com todo aquelle juizo, que tiue sempre partido, ou em loucuras saudozas, ou entre nescias finezas, o qual cobrei somente, depois que comesei a mortalharme em dezenganos, e a ver os males desde os escarm^{tos}. desgrasa grande he,

que nã̃m aproveitem discursos em quan^{to}. se nam exprimentem experiencias que magoem, o qual quero que ualha como despocisam de minha ultima vontade, e por este derogo outro qual quer que haja feito; porque engenuamente confesso, que nam he possivel que fosse verdadeiro; porque adquerindo a primazia entre os homens e a preferencia entre os Deuzes por ser entre todos o mais superior Dominio logra atributos de immortal entre as vanglorias de Eterno: mas hoje que o Odio me poem a Vista do Sepulcro querendo a forsa publicarme por cadauer, quem me respeitaua por soberano; rezam he que opprimido as violencias do temor, e do receyo publique que morro, so afim de enterrarme naquelle sepulcro se poder tirarlhe do corasam, nam as cinzas mas os incendios que tem de odio contra os meos imperios, senã̃m he com extremo de malignidade se atreua a reduzirme na cinza de sua mesma durasam.

Porem se o Odio guia pellos mesmos passos de amor em os extremos, e a boa Philosophia ensina, que a semelhansa sempre contrahio Amor, podera serlhe cauza o amor desta pouca semelhansa, mas uira de tal sorte destilado, que sahira somente a quinta essencia do Odio, que nam he o Crisol pera obrar menor effeito fes me a cigueira filho de Deuzes, e a malicia humana me deu [fol. 133] o Imperio das Vontades, isto dizem os Praguentos aquem os pios leitores nam deuem dar nenhum credito, porque o certo he que o meu resp^{to}. me acquirio tam grande imperio, e o meu agrado me pode tal dominio.

Dizem mais os Ignorantes que pos o meu poder aos aluedrios humas Leys tam violentas, que nunca em suas vontades encontram acçoens libertas, e que por premios ao merecim^{to}. lhe restaua a opiniam querendome empurrar a mim toda a sem rezam do mundo, aonde o merecim^{to}. informa de mal pago; e pello contrario o executo; porque eu so sube premiar aquem soube merecer: Digamno tantos esclarecidos tropheos com que se aclamam tantos, e tam venturozos amantes, comesaram por disgrasas, eacabaram em fortunas, aparte que tinham de mortaes tiranizava os o Mundo, e a parte que occultauam soberanos quando amantes acreditaua os eu com justos premios, que athe gora nenhuma couza no mundo teue ualim^{to}. sem amor; toda a Opiniã̃m he amor, toda a riqueza, toda a honra, toda a magestade, e o Mundo todo he de amor composto; a cauza da conseruasam do mundo he a Uniam dos Elem Opostos por calidades, e Unidos por Natureza, pois he cauza efficiente de toda a conseruasam somente o Amor; quem duuida que sejam os efeitos sempre iguaes com a mesma cauza /que assim o ensina a boa Philosophia/ logo de aqui se proua que nunca fui tirano, e fui sempre compassiuo, que

nunca fui ingrato, que fui sempre agradecido, e se acaso se uiram efeitos contrarios nasceram dos extremos aque foram dirigidos, que importa que atriaga seya oposta ao Veneno; se he nas maõs do inimigo mais que veneno a triaga; Ouro contrato da familiaridade, e ualimento a todos as couzas, e ouro he peor, como pode ser o ualim^{to}. bom, e a familiaridade proueitoza; raro foi o que no mundo soube tratar nem comunicar o amor; por isso athe agora o amor se uio raras uezes no Mundo, e se por acaso na quella infancia do tempo se [fol. 133 v.] deuizou por entre as nuvens, chamousse tempo dourado, per que logo se considerou felis q^{do}. teue verdad^{fo}. amor.

Fui creado na Ilha da Liberdade, porque nam conheci superior; ensinaram pouca letra, e muita labia, das artes a que fui mais inclinado, foi a de caçar com arco, e flecha, porque em esta sahi tam destro que nam houve vontade izenta, nem corasam voluntario, que a minha flecha nam postrasse arrependido, ainda quando despedida aos olhos fechados.

Fui cazado a primeira ues com huma molher m^{to}. illustre por nome Dona Affeizam, de que tive huma filha Dona Fineza, que nasceo com as fortunas de flor.

Muchos siglos de la hermozura

Em pocos annos de edad

Muito indefferente pera adurasam epera a lastima que o mesmo instante, que a uia flor com alma, achorou cadauer sem pompa dizendo.

Ayer marauilla fui

Oy sombra mia no soy

Lgrimas antes enchutas que choradas foram as que ogosto tirou do peito pera baptizalla quando nascida apenas do sentim^{to}: da falta desta filha morreu Dona Affeizam que como se amaua muito; quando morreu huma logo faltou a outra.

§

Segunda ues cazei; que me apanharam entre portas com huma molherzinha chamada Dona Coriozidade filha de hum Bacharel chamado diuertim^{to}.; porque ateue de Dona Ociosidade a maior embusteira de quantas teue a Vadiaria; deste segundo matrimonio tive hum filho, a quem chamei passa tempo tam mentirozo que todos os dias gastaua em

andar por cazas alheas de Poetas buscando conceitos bem explicados; emal sentidos; cresceu [fol. 134] este, e com tanto sequito, que se conjurou contra mim, e de tal sorte me perseguio, que athe se ametreueu em Satiras com Dom Thomas ao mesmo respeito. Este cazou com Dona Gallantaria de quem nasceu Dom Agrado que morreu logo, que tomou posse dos beneficios que lhe adquiriram os merecimentos de huma Sua Tia chamada Dona inclinsama mossã m^{to} varia, a aqual com huma enlouquidade de huma sua amiga Dona Inadvertencia, se namorou de Dom Extremo, de quem teue um filho Dom Excesso que morreu embruxado por Dona Loucura.

Em primeiro lugar emcomendo minha alma ao fogo em que fio arder tantas Maripozas racionais, onde uiuia Salamandra, que entre os mesmos precipicios cobrauam nuos alentos Phenix, que nas mortas cinzas sepultadas, sabem renascer luzidas; onde se eu bem caramente este

SONETO

He o fogo hum Crisol, que ao graue alento
todo o preço de ouro purifica
a onde todo o bem lhes justifica
o poder de seu illustre vallimento

Fogo he amor Crisol do pensamento
ouro he a alma que ao amor nam implica
quando amante, editoza se dedica
a seu doce, e fermoza sentimento;

Pois se ao fogo lhe entrego mais amante
todo o Ouro de huma alma suaviza
com gosto de amar morrer constante

Bem se eu que se he fogo a deuiza
do amor que este fogo mais triumphante
em amorte vida lhe eterniza. [fol. 134 v.]

Meu corpo mando a Terra pera infundir na humildade mais altiios pensamentos; este quero seya enterrado nas grades de qualquer Conuento de Freiras da parte de fora pera mostrar que nem depois de morto com ellas habito, sera o meu corpo leuado como delinquente a forsa por Menistros de Justisa, pera mostrar, que por Obrigasam deue o mundo sustentarme, o qual hira nos braços dos Ignorantes, que he o meu proprio monumento, e porque esta minha funeral, e ultima pompa se emcaminhe em melhor forma pera seu maior concer^{to} ya desta sorte disponho em bom Romance.

Romance

Pera o enterro de amor
se chamem todos aquelles
que sabem uiuer amantes
e sabem chorar auzentes:

Venham todos os mortaes
a sentir o bem que perdem
se ainda o mortal caduco
de sentimento parece:

Digam no Deidades tantas
quantas o Mappa celleste
occulta em funestes sombras
de sentimentos cortezes:

E pois que no mundo atodos
o meu amor lhe merece
porque de mim nam se aparte
que nos seos peitos me enterrem:

Quero por mendr fineza
que esta minha lei se observe
nestas funeraes, em estas,

tristes exequias solemnes:

Hira com bandeira negra
diante a Fama mil uezes
repetira pello mundo
hoje Copido fenece:

Depois logo a fermozeria
se seguirá pouco alegre
por ser a que mais no mundo
com a minha auzencia perde:

Seguirse ha a nobreza
a quem o meo ser se deue
porque so em hum peito illustre
timbres de amor resplandecem.

Tambem a sciencia hirá
chorando lagrimas sempre
porque sem amor o sabio
ser ignorante parece:

A vida me seguirá
chorando rios perennes. [fol. 135]

Loucos deixo tambem hum juro que athe agora me trouxeram usurpado os Estudantes de Coimbra, o qual se empregaua na Cordoaria todo de trinca fios.

Deixo mais muitos thezouros que tenho na esperansa aos mais dezemparados da fortuna pera que la p^a. Mayo possam tomar hum bom verde. As grades das Freiras donde tambem tive meus fructos em alguns tempos deixo as gralhas do meu bosque com condisam, que nam fasam nellas mais, que vooar pragas do tempo, pois que elle so munda os estados.

Tempus edax rerum

Item deixo mais algumas Diuidas, que se me deuem pera os Vindouros, e por que nam tenho mais que dispor acabo este meu verdadeiro Testamento com aduertensia atodos os que sentirem a minha morte que cuido se lhe enxergaram as lagrimas breuemen declarando per formalia verba, que fui sempre hum embeleço, todo bocca, e nada peito, retorico aerio, muita parola pouco fundam^{to}. Muitos ha que me hauia de extinguir; porque era melhor morrer do que tam triste muer podendo levar boa vida que adonde os cuidados e divertim^{tos}. se alimenta he forsa, que a alma se aflige, e pera que nam parea violensia tirána culpar a Morte sendo o Officio seu levar o que leua que de sus Manos no ay quien se no ozente: e assim vou consoladissimo desta Vida, porque se acabaram com as minhas perseguisoens os estudos das Mentiras, e os disuellos contrafeitos: e desta sorte protesto que ninguem chore a minha morte, porque ha muito tempo que viuo defunto, e por ultimo de tudo, mando que se ponha na sepultura este Epitáfio: [fol. 135]

Epitafio

Na sepultura do Amor Copido

Em braza viua

Soneto

Aqui jaz em Cinzas reducido
esse fogo das almas inflamado
copido Rey de Amor todo acosado
desse negro sepulcro escurecido.

Nam se uera qual Phenix renascido
Salamandra uiuendo no abrazado
por que a cinzas, ea fogo esse maluado
do Sepulcro lhe bem ya reducido;

Chora caminhante pois a triste sorte
que teue Amor ao ver, que he mais tirano
o odio do Sepulcro que o da morte,

Por que a morte o vio mais soberano
pera os golpes crueis; porem o Côrte
que o sepulcro lhe deu o fes humano:

2.6. Versão N°6 [BNP Cod. 8609]⁸

BNP, Cod. 8609 fol. 149-ss.

Verdadeyro, e Ultimo Testamento de Cupido
Feyto de sua livre vont^e. vendose as portas da Mòrte
Com as perseguições de Fr. M^{el}. do Sepulchro⁹
Author, e Reo na Reformaçam das grádes
dos Conventos de Freyras. [fol. 149 v.]

Eu Cupido por Direyto da Gentilidade Rey do Amor Senhor dos alvedrios, Príncipe das Liberdades, e dominador absolutto de todos os coraçõens amantes por graça da Ferozura, com dâvidas de Ligítimo, e inferencias de Bastardo, filho de Venus, e de Vulcano; aquele grou contrafeyto, que ainda joga o Pé Sapelo p^{lo}. mundo com todos os officiaes de forja, e bigorna, p^{la}. Ferraríá, e Fundiçam *V^o.

Estando no mais florido de meu amor, eno mais murxo de meus tempos, per que há m^{tos}. que me pintam minino, podendo p^{la}. minha idade ter já barbas athe a cinta, desconfiado desta vida temporal a respeyto de huns flatos de entendim^{to}., malles no mundo incuráveis, se bem que sò estes prevalescem no Mundo.

Por que el mundo para u nescio

Tiene vida perdurable.

E havendo em mim respeytos de entendim^{to}., que foy sempre discreto omey respeyto; que Amor, ainda que he doudice do Juizo, he crêdito do entendim^{to}; por que he sòmente entendido, o que sabe ser amante: despedido totalmente do remedio, por se haver reduzido a tam incuravel o meu mal, que os deffensivos sam cauza p^a. as loucuras; e as triagas veneno p^a. a duraçam, pois sendo a ûl- [fol. 150] -tima medicina p^a. os malles de Amor, o esquecim^{to}., sempre este se encontrou em mim com a memoria, que por mim se dice.

Es remedio olvidar

y olvidoseme el remedio.

Vendo opouco que ja posso existir, por que dezabrim^{tos}. do gosto foram sempre verdugos p^a. a vida, e he p^a. a minha verdugo, os dezabrim^{tos}. daquelle sepulcro, pois me dá tantos pezares, dando-lhe eu tantos deleytes; faço este meu ûltimo, e verdadeyro

Testamento com todo aquelle juízo inteYRO, que tive sempre partido, ou em Loucuras saudozas, ou entre nescias finezas, o qual cobrey sòmente depois que comecey a amortallar-me em dezenganos, e aprovar os malles, desde os escarmentos; desgraça grande! que nam aproveytem os discursos, em q^{to}. se nam sentem experiencias, que magoem; o qual quèro que valha como disposiçam de minha ultima vontade; e por este, derrògo outro qualquer, que haja feyto; por que ingenuam^{te}. fallando, nam he possivel que fosse verdadeyro, por que nam querendo a primazia entre os homens, e a preferencia entre os Deuzes por ter entre os Deuzes, e homens o mais superior domínio; lograva atributos de immortal entre as vanglorias de eterno; mas hoje que o [fol. 150 v.] ôdio, me poem à vista o sepulcro, querendo à força inculcar-me por cadaver, q^m. me respeytava por soberano; razam he que violentàdo do temor, ou oprimido do Receyo, *pùblique morro, sò assim de que enterrando-me naquelle sepulchro, lhe possa tirar do coraçam, nam as cinzas, mas os incendios, que tem de ôdio contra mim, e os meus Impèrios; se nam he, que como extremo da malignidade, se atreva a reduzir-me na cinza da sua mesma aversam; porem, se o ôdio guia p^{los}. mesmos passos do Amor em os extremos, e a boa Philosophia encina, que asimilhança sempre contrahiu Amor; poderà ser lhe cauze Amor êsta pouca similhança; mas virà de tal sorte destyllado, que sairà quinta essencia do Ôdio, que nam he crisol, p^a. obrar menos effeyto.

Fez-me a cegueyra filho de Deuzes, eamalícia me deu o Imperio das vontades; isto dizem os plaguentos; a que os pios Leytores nam devem dar nenhum crêdito; por que o certo he, que o meu agrado me pòde dar tal Domínio: Dizem mais os ignorantes, que pos o meu poder aos alvedrios humas Leys tam [fol. 151] violentas, que nunca em suas vontades encontràram acçoens libertas; e' por premios ao merecim^{to}. lhe arastra aoppiniam, [querendo-me imputar amim toda a sem razam do mundo] adonde o merecimento sempre em fôrma de mal pago se experimenta; e he p^{lo}. contrario o que executô; por que eu só soube premiar a q^m. soube merecer; digam-no tantos esclarecidos tropheos, com que se acclamam tantos, e tam venturòzos amantes? Começaram por desgraças p^a. acabàrempor fortunas; a p^{te}. tinham de mortaes, tyranizavam ao mundo com seus tormen^{tos}., e ap^{te}. que occultavam de soberanos q^{do}. amantes, acreditava eu com justos premios, que a thegora, nenhuma couza sem Amor, teve valimento no mundo: Toda aoppiniam he Amor; toda a riqueza, toda a honra, toda a Mag^{de}., e o mundo todo, he de Amor tambem composto.

A cauza da conservaçam do Mundo he auniam dos Elementos, compòstos por qualid^e. e unidos por natureza; pois se a cauza efficiente de toda a conservaçam he som^{te}. o Amor, q^m. duvida que os effeytos sejam iguaes com a mesma cauza? assim oencina a boa Phylosophia; logo daqui se prova, que nunca fuy tyranno, [fol. 151 v.] e que fuy sempre compassivo; que nunca fuy ingrato, que fuy sempre agradescido; e se acaso se viram effeytos contrários, nasceram dos extremos, por que foram dirigidos; que importa, que atriaga, seja ao veneno opposta, se he nas maons do Inimigo, mais que veneno a triaga? Ouro he otracto da familiarid^e., e o valimento de todas as couzas; se o tracto he mão, como pòde ser este Ouro, ou este valimento bom? Raro foy o que no mundo soube tractar, nem communicar oAmor! por isso athegora o Amor se viu raras vezes no mundo; e se acaso naquella infancia do mundo se divizou por entre nuves, chamouse tempo dourado, por que logo se desconsiderou feliz, q^{do}. teve verdade o Amor.

Fuy criado, na Ilha da Liberdade, por que nam conheci superior; encinàram-me pouca Letra, mas m^{ta}. làbia; das Artes a que foy mais do meu gosto, foy a de caçador de Arco, e flecha; por que em êsta, sahí tam destro, que nam houve vontade izenta, nem coraçam voluntário, que a minha flecha, nam prostrasse rendimentos, ainda q^{do}. despedida aólhos fechados: Fuy cazado aprimeyra vez, com huma mulher m^{to}. illustre, por nome DonaAffeyçam, de q^m. tive uma filha, por nome Dona Fi- [fol. 152] neza, que nasceu com as fortunas de flor.

Muchos siglos de hermosura
Enpocos años de edad.

Motivo indifferente p^a. aduraçam, e p^a. a lastima, que o mesmo instante que a vi flor com alma achorasse cadaver sem pompa, dizendo:

Ayer maravilla fuy
y oy sombra mia, aun no soy.

Lagrymas antes enchuttas, que choradas, foram as que o gosto tirou do peyto p^a. baptizalla, quando nascida apenas do sentimento na falta desta filha morreu Dona Afeyçam, que como se amavam m^{to}. q^{do}. morreu huma, faltou a outra, eassim fiquey sem mulher, nem filha; boa circumstancia para cazamento.

Segunda vez cazey, por que me apanhãram entre pôrtas com hum mulherzinha chamada Curiozidade, filha de hum Bacharel chamado Divertimento; o juizo por q^m. teve o Dom he da ociosidade, amayor embusteyra que teve avadian'a; deste segundo matrimonio, tive hum filho, a q^m. chamey Passatempo, palreyo tam mentiroso, que todos os dias gastava por casa dos Poettas buscando conceytos bem explicados, e mal sentidos; cresceu este, com tanto sê [fol. 152 v.] quito, que se conjurou contramim, e de tal sorte meperseguiu, que athe se me atreveu em satyras com D. Thomas ao meu respeyto. Este Passatempo, cazou com Dona Galataria, de q^m. nasceu D. Agrado, que morreu logo, e tomou pòsse dos benefícios, que lhe adquiriram os merecimentos de hum sua tia, Dona Inclinaçam, moça m^{to}. vária, aqual com a sociedade de hum sua amiga Dona Inadvertencia, senamorou, de Dom Extremo, de q^m. teve hum filho Dom Excesso, que morreu embruxado, de Dona Loucura.

A toda êssa parentella descendente, e collateral de meu filho Passatempo, excluo de minha herança, e desherdo p^{las}. causas tam justas, que aponto: e por me haver sido ingrato: Pelo que de meus bens sefariam as ôbras seguintes; e se cumprirà o que deyxoy, visto nam ter herdeyro forçado, a q^m. deva aligitima.

Em primeyro lugar, encomendo a minha alma ao Fogo, em que fiz arder tantas mariposas racionaes, donde, vivas salamandras, entre os mesmos precipícios, cobrãvam nôvos alentos Fenyx, que em mortais cinzas sepultadas, sabem renascer luzidas.

Soneto [pg. 153]

Es el fuego un crisol, que grave y liento
todo el Precio del oro purifica
donde todo lo bueno justifica
el poder de su ilustre valimiento

Fuego es Amor, crisol del pensamiento
Oro es el alma, que al Amor no implica
quando amante, y dichosa, se dedica
a sudulce, y a su hermoso sentimiento.

Pues si al Fuego le entrêga màs amante
todo el Oro de una alma que suabiza

com el gusto de Amor, morir constante

Bien se vê, que si es Fuego la dibiza
del Amor, que este Fuego mais tryumphasse
en la muerte la vida le eterniza.

Meu corpo mando à Terra, p^a. infundir na humildade mais altivos pensamentos; esse quero seja enterrado nas grades de qualquer Convento de Freyras da p^{te}. de fora p^a. mostrar, que nem despois de morto, com ellas habitto: serà meu corpo levado à forca, como delinquente, por Ministros de Justiça p^a. mostrar, que por obrigaçam deve o mundo subsentar-me; o qual irâ nos braços dos ignorantes, que sam o meu proprio monumento [fol. 153 v.] e por que êsta minha funeral, e última pompa, se encaminhe em melhor forma, p^a. seu mayor concerto, já desta sorte o disponho.

Para o enterro do Amor
se chamem todos aquelles
que sabem viver amantes
que sabem chorar ausentes.

Venham todos os mortaes
a sentir o bem que pèrdem
se ainda o mortal cadûca
no sentimento parece.
Digam-no Deydades tantas
quantas o Mapa celêste
occulta em funestas sombras
de sentimentos cortezes.

E pois que no Mundo atodas
o meu Amor lhe merece,
por que de mim nam se apartem
que nos seus peytos me enterrem.

Quêro por menor fineza

que êsta minha Ley se observe
nestes funeraes, e nestas [fol. 154]
tristes exêquias solemnes.

Irâ com bandeyra negra
diante, a Fama, mil vezes
repetirâ pelo mundo:
Hoje Cupido fenece.

Despois, logo a Fermoza
se seguirá pouco alegre;
pois he a que mais no Mundo,
com aminha auzencia, pêrde.

Seguir-se-há a Nobreza
a quem o meu ser se deve
por que sò em hum peyto illustre
tymbres de Amor resplandecem.

Tambem a sciencia irâ
chorando, cadûco verme,
por que sem Amor, o sábio
sempre ignorante parece.

A vida me seguirá
chorando rios perennes
pois só por mim dezejada,
foy no mundo muytas vezes,

O temor, feyto ouzadia [fol. 154 v.]
me perseguirá prudente
sentindo quantas fortunas
pêrde, somente em perder-me.

Os pensamentos com tòchas
me seguiràm, pois só estes,
entre todos os amantes,
som os que mais resplandecem.

Despois, nos hombros de quantos
nêscios o mundo conhece
irá meu corpo, que he força
que Ignorantes me enterrem.

Mando que todos os Escrivaens me acompanhem à sepultûra, p^a. darem fé, que os Ignorantes, me deytam a Terra nos olhos; p^{lo}. que lhes deyxo de Legado as minhas âzas, por que lhes nam falem pennas, as quaes lhes serviràm de velocidade, p^a. as suas diligencias.

Mando que me acompanhe à cova, todo o numero que poder achar-se de teymozos, e impertinentes nas finezas, a q^m. deycho huma ignorancia perpêtua, que lhe assista, e hum desprezo tyranno, que os atormente: no dia de meu falecimento, semandarà recado p^{los}. mosteyros, p^a. que em todos se me rêze aquelle memento de Camões. [fol. 155]

Lembranças do bem passado
para que me renovaes
lembranças, que cançam mais?

Em lugar do Psalmo Miserere † me cantaràm.

Ninguno se alabe
Hasta que no acabe.

Em lugar do subvenite, † me cantaràm.

Já fuy flor, jà fuy bonina.

Com a gloza do Serram, que se acharà na 2.^a. parte das Academias dos Singulares; Todas as segundas feyras de tarde aquellas horas, em que eu costumava fazer as minhas, quero me cantem sobre a sepultûra

Memórias solamente
mi muerte solizitan
que las memòrias hazen
mayores las desdichas.

Para o que deyxo de legado às Religiozas, que assim o cumprirem, a consolaçam das que m^{to}. espèram, fiadas na promessa do Poeta, que diz.

Al cabo de los años mil, buelven las aguas †

No dia de minhas exèquias, se ainda houver q^m. queyra fazer este Funeral; em lugar de Oraçam fûnebre [fol. 155 v.] mando se exponha aquelle Romance de Gongora que diz:

Que nescio, que èra yo antaño

O qual se achará entre os seus Liricos: tomando por thema.

Perdigam perdeu a penna
Na ha mal que nam lhe venha.

Deycho por meu Testamenteyro, ao Pe. Fr. Manoel do Sepulcro, em cujo corpo semeterà o meu Spírito, entam mais que maligno, a publicar ao mundo este dezengano.

Este donde estou metido
que sepulcro vos parece
he somente Borraxam
do vinho de Portalegre.

Ando de hum sacco vestido
por que assim melhor se infêre
que nam deyta em sacco roto
o bem que hoje nos persegue.

Traz o sacco o mundo todo
hypòcrita, e imprudente,
dizendo que he só virtude
entaypar Freyras adrede.

Dizendo que hê obra pía
que os Freyráticos desterrem [fol. 156]
sem conhecer, que ôbra Sancta
êra, o desterralo aelle.

Ao mundo quer governar;
vistes vòs, Sancto como este?
Os Sanctos fògem das honras,
este, honrar-se só pertende!

Mas se êra hum pobre simplex
que andava jogando sempre
Corneta la vay Luzia
a gritos com toda a gente.

Se ha quatro dias, que estava
dentro em hum pobre reterse,
de todos os seus piolhos
tryumphando a unhas, e dentes.

Hoje em Palácio metido
tam valido se intromette
que se esquêce totalmente
do seu ser, e honras dezeje.

De antes vaca dezejava
hoje Carneyro aborrece
còme sòmemente Perdiz

por seu couza que lhe fêde. [fol. 156 v.]

Folgava com vinho aguado
pûro sòmente hoje bebe
porque he homem virtuozo
e as màculas aborrece.

Comía no refeitorio
fedendo a carne, e apeyxe
hoje he tam noquentinho
que a menza de El Rey lhe fede!

Dormiu sempre em huma enxerga
desde minino innocente;
e hoje sòmente em colxoens
de Cambray, diz que adormece.

Dava-lhe seu pay de almoço
Broa de milho somente;
e hoje vendo hum Perdigam
guizadilhos apetece.

Antiguamente tractava
com pòbre, e humilde gente
hoje só falla a fidalgos
que com mil Rôgos lhe pedem.

Porem tem razam, quem diz
que virtude lhe conhece [fol. 157]
por que nunca teve culpa
que omostrasse innocente

Enfim deyxemolo ao mundo

que elle darà brevemente
fim ao mundo, e fim a todos
os ignorantes que o seguem.

Bem podem crer-me o que digo,
verdades sam, pòdem crer-me;
que tem mais que oser verdades
o ver que hum morto as repète.

A este meu Testamenteyro, lhe asigno de Legado, na Torre da Polvora, dous mil instrumentos de fogo que o abrazem, daquelles que lançou às Freyras de Alcàcere.

Tambem lhe deyxos os dezarranjos, que nascerem de seus arbítrios, os quaes quero, tenha, e possua em sua vida, e depois de sua morte, là no Inferno, aonde minha May a senhora Venus, lhe pedirà conta dos testemunhos que levantou neste mundo às suas virgens.

Mais lhe deyxos de Legado, huma cegueyra universal, que imprima em todos, p^a. que em nenhum tempo ninguem possa conhecelo.

A minha Villa de Punhete, que andou nas Palmas [fol. 157 v.] sempre, por ser única Universidade das matèrias de Direyto, mando que se arraze, e que em seu lugar pravaleça a outra celebrada, que chamam de Coyna, por nam haver outro Refúgio p^a. q^m. se appelle, contra huma penza Cannìcula; e tudo o que se gastava em Punhete, se gaste em Coyna; com condiçam que subsenteràm sempre esse lugar deArreytela, por ter tam grande afinidade com as duas.

O Ducado de Bracellos, deyxos aos Provinciaes e Secretàrios das Ordens, que tivèrem Freyras, por que com os seus Privilegios, apezar de taes estorvos, possam cobrar os quartéis, p^a. melhor via executiva.

O Ducado de Beja, quero que se extingua, por crimes, em que incorreram os possuidores delle, no contracto, que tiveram com agente de Punhete.

A villa de Extremos, deyxos aos que choràrem minha morte, com condiçam, que della nam tirem mais fructos, que os do Barro.

As Propriedades, que tenho no Bayrro da Boa Vista, deyxos por esmolla aos cegos.

Aos Loucos, deixo hum juro, que atehora me trouxèra, usurpado os Estudantes de Coimbra [fol. 158] o qual se me pagava, na Cordoaria em trinta fios.

O Thezouro que tenho na Esperança, deixo aos mais exasperados, p^a. que la p^a. Mayo, pòssam tomar hum bom verde.

As grâdes das Freyras, donde tambem tirey meus fructos em alguns tempos, deicho às gralhas com condiçam, que nam façam mais nellas, que rogar plâgas ao tempo, pois assim mûda os Estados!

Algumas dívidas que se medevem, deixo aos vindouros.

Epor que nam tenho mais que dispor; acabo este meu Testamento, com advertencia a todos os que sentem minha morte, que cuydo se lhes enxugaram as Lagrymas brevemente; que fuy sempre hum embeleco, todo boca, nada peyto; Rethòrico aèrio, m^{ta}. parolla, pouco fundamento. Muytos annos há que me haviam de extinguir, por que era melhor morrer, do que tam triste penar! Vou consoladissimo dèsta vida por que se acabàram com êstas minhas perseguiçoens os estudos das mentiras: assim oprotésto; e ninguem chore a minha morte, por que há muyto tempo que vivo defunto! E por último de tudo mando, [fol. 158 v.] que se ponha sobre minha sepultura este Epitaphio

Soneto

Aqui jaz, hoje, em cinzas reduzido
esse Fogo das almas inflamado
Cûpido Rey de Amor, todo acopado
de esse negro seplucro escurecido.

Nam se vera qual Fenyx renascido
Salamandra das almas abrazado
porque as cinzas do fogo de jum malvado
sepulcro, las tem jà muy consumido.

Chòra, pois, caminhante, a triste sorte
que teve o Amor, ao ver, que he mays tirano
o Ôdio do Sepulcro, que o da Morte.

Por que a Morte o viu mais que soberano
para os golpes cruéis; porem o còrte
do Sepulcro, o achou menos, que Humano.

¹ *Precedido por:* «Carta para huma Dama que por desprezar o seu Amante se mostrava com elle desdenhoza».

² *Esta versão inclui a Carta e o Testamento, mas ambas se encontram com muitas variantes e muito diferentes das restantes versões; assim, publicamo-la na íntegra.*

³ *sublinhado no original*

⁴ *sublinhado no original*

⁵ *sublinhado no original*

⁶ *Precedido por:* «Carta para huma Dama que por desprezar o seu Amante se mostrava com elle desdenhoza»

⁷ *Seguem-se* «Sonho, e Triunpho de Amor Ressuscitado» (até fol. 141 v.), depois «Noua Resureisam de Copido.»

⁸ *Precedido de* «Sonho e Triunfo do Amor Reçucitado, contra a oppiniam das más linguas, que diziam falecera o Amor com todos os seus attributos e contrapezos. Por Fr. Lucas de Santa Catharina» (fol. 142-149), por sua vez precedido de «Reçurreiçãõ de Cupido» (fol. 126-141 v.).

⁹ <sepuchro>, no original.

II. Textos de Outros Autores sobre Feliciano de Milão

1. Ditos de Feliciano de Milão, por Pedro Supico de Moraes
in Pedro Joseph Suppico de Moraes, *Collecção Politica de Apothegmas Memoraveis*,
Lisboa, António Pedroso Galraõ, 1720, Livros I-III

Prègando o Padre Mestre Fr. N & o Padre Fr. N. em Odivellas a festa de S. Bernardo, hum de manhã, & outro de tarde, deo a Madre Feliciano o parabem ao dito Padre Mestre N. dizendo-lhe: O Sermaõ de V. Paternidade, & o do Prègador de tarde me pareceo Sacramento; o de V. Paternidade todo substancia; & o outro todo accidentes¹.

Indo em huma occasiaõ o Doutor Lourenço Coelho Leytaõ a Odivellas, mandou recado a huma Religiosa; a qual vindo, & perguntando a D. Feliciano, que era a Rodeyra, quem a procurava, respondeo ella: Tres assados, mana: *Lourenço, Coelho, Leytaõ*².

Entrando hum dia de festa em S. Roque D. Feliciano de Milão, antes de ser Freyra, & vendo as criadas, que a acompanhavão, alteradas porque certa Dama, então valida na Corte, senão ergueo para ella passar, lhes disse: Deyxay, que não se levanta de graça quem se deyta por dinheyro.

Certo Fidalgo, que galanteava a D. Feliciano de Milão, deytou hum vestido negro guarnecido de visos cor de canna; & muy presumido da boa eleyçaõ, a primeira vez que o vestio, foy a S. Roque, & encostado à pia d'agua benta, esperou a D. Feliciano, & perguntoulhe: Senhora, que vos pareço? Respondeo ella: O homem dos alhos³.

Chamando em huma occasiaõ o Senhor Rey D. Affonso VI. a D. Feliciano *Heva*, respondeo [pg. 216] ella: Só V. Magestade me pòde fazer a primeyra mulher do Mundo⁴.

No principio desta guerra deo Sua Magestade varios Terços de Infantaria a alguns Fidalgos moços; & dizia D. Feliciano que El Rey estava feyto Padre da Companhia, pois dava Terços aos meninos.

Tinha D. Feliciano suas competencias com D. Anna de Moura irmã de Gil Vàs Lobo, & em hũa occasião disse-lhe: Se vos não aquietais, senhora, olhay que vos hey de dar com vosso irmão pella cara.

Estava D. Feliciano indifferente com outra Freyra, a qual tinha hum geyto em hum dos olhos; & passando huma manhã pela porta do seu leyto, a fechou a Freyra muy depressa, & disse-lhe D. Feliciano: Senhora, vòs dais a torta, & eu sou a que vos hey de dar olhado⁵?

Tinha uma Freyra de Odiveias em seu poder huma menina sua sobrinha, a qual chamavão de alcunha a Raposa, por huma travessura que fez a açoutou a tia: Estava na portaria hum Religioso Agostinho Descalço, que brincava às vezes com a tal menina, a qual vendo-o, estando escandalizada da tia, disse que a levassem àquelle Frade: & ouvindo-a D. Feliciano de Milão, respondeo: Minha alma mal vay à raposa quando anda aos grilos.

Em huma festa de Odiveias em que assistião muytos Cavalheyros se achava D. Christovão de Almada, junto à porta da ametade, de sorte que tomava a vista a D. Feliciano, a qual lhe disse: Senhor D. Christovão já que he de Almada, passe para a outra banda.

Tendo não sey que razões com outra Freyra, a qual era de infecta nação, a respeyto de um officio que D. Feliciano não queria que ella occupasse na Comunidade, lhe disse a tal Freyra: Eu sou muyto capaz de fazer este officio melhor que ninguem, porque sou muyto rica. Respondeo-lhe D. Feliciano: E para assar muy bella.

Por causa de huma eleyção ficou mal com D. Feliciano huma Freyra, que era filha de hũa corraleyra [pg. 216]; não lhe fallando dahi por diante, lhe disse ella, encontrando-a: Mana, falle-me, ainda que fassa das tripas coração.

Tinha empenho huma Freyra em que hum homem fosse procurador de hũa demanda que D. Feliciano trazia, & indo fallar-lhe, tudo era dizer-lhe; Deme V. Senhoria precuração que eu farey isso: Não lhe achou D. Feliciano sitio para fazer cousa boa, & despedio-o, sem lhe dar procuração. Preguntou-lhe a Freyra que patrocinava o dito homem, se ajustàra com elle. Não mana, respondeo ella, porque o homem não he de *pro*.

Morrendo hũa Religiosa em Odiveias, se fechàrão como se costuma, as grades naquelle dia; & vindo nelle alguns oyto ou dez irmãos de varias Freyras fallar com ellas,

lhes disse D. Feliciana, que então era Porteyra: Bem parece que V. mercès sabiaõ, que tinha-mos defunta, pois se ajuntou toda a irmandade.

Fallando-se em novidades da campanha no ano de mil setecentos & quatro, disseraõ a D. Feliciana que os Generaes, hũ marchava para tal parte, outro para outra, & respondeo ella: Quizera eu que esses senhores fossem antes cortadores que marchantes.

Indo D. Feliciana sendo secular a huma festa, se chegou um Desembargador, que tinha por alcunha o Malmede, a huma criada, & lhe deo hum beliscaõ, o que vendo D. Feliciana, disse-lhe: Naõ [pg. 217] apolegue V.M. a fruta que não hade comprar, & respondendo-lhe elle com menos descripçaõ, continuou ella: Malmede V.M. as pessoas.

Estando hyns Cavalheyros em huma grade com D. Feliciana, entrou hum o qual teymou em ficar de pè, & pedindo-lhe ella por tres vezes que se sentasse, respondeo elle: *Domina, non sum dignus*, continuou D. Feliciana: Ora Senhor, parece-me bem que esteja como centurio, quem como centurio falla.

Indo D. Feliciana hum dia de festa para São Roque levava hum guardapè verde; sahia outra senhora que trazia tambem outro guardapè da mesma cor, e disse para huma amiga: Oh mana, este verde não he mais viçoso? Ouvindo-a D. Feliciana, respondeo: Se he mais viçoso, minha Senhora, he porque V.M. o rega a miudo.

Indo certa menina filha de hũ Titulo a Odivelas, vestida de amarello, a qual era trigueyra em extremo; perguntàraõ a D. Feliciana que lhe parecia, & respondeo: Ginga doce em prato de ovos.

E estando morrendo D. Feliciana lhe fizeraõ força tomar hum caldo, & ella bebendo-o, disse: Morra Marta morra farta.

Encomendou na hora da morte que se lhe fizesse na sua sepultura este Epitafio, que tinha composto em toda a sua vida: *Aqui jaz a pecadora*⁶.

¹ *op. cit.*, Livro II, pg. 60

² *op. cit.*, pg. 192

³ *op. cit.*, pg. 202

⁴ *op. cit.*, pg. 215

⁵ *op. cit.*, pg. 246

⁶ *op. cit.*, Livro III, pgs. 215-217

2. Ditos de Feliciano de Milão, por Damião de Froes Perim
in Damião de Froes Perim, *Theatro Heroico, abecedario historico, e catalogo das mulheres illustres em armas, letras acçoens heroicas e artes liberaes...* Lisboa Occidental, na Officina de Musica de Theotonis Antunes Lima, 1736-1740. Volume I, pgs. 375-383

Perguntou Dona Joanna Magdalena de Castro a Dona Feliciano, como se dava com a condição de Dona Violante de Castro; e respondeo-lhe: “Dona Violante faz de mim Sacramento, porque adora-me, e consome-me.”

Estando Dona Feliciano no mirante de Odivellas entrou pelo couto hum certo homem, que deziaõ ser neto de huma cabra da India, e vendo-a disse: *Oveja del monte al llano*: e ella respondeu: *Cabra del llano al monte*.

Chamavaõ o Cabra de alcunha a hum certo cavalheiro. Estava Dona Feliciano doente dos olhos, e vendo-a o Cavaleiro por-lhe as mãos disse:

La virtud de tales manos

Lisongea los dolores.

E Dona Feliciano lhe respondeu: “Esses versos, senhor não são de hum Romance de Gongora, que diz

Ovejas del monte al llano

Y cabras del llano al monte?

3. Dedicatória de *Memoria Sepulchral. Epitáfio Saudoso*, na morte da Rainha D. Maria Sofia Isabel de Neuburg

in Memoria Sepulchral. Epitaphio Saudoso. Esculpido pello sentimento sobre a sepultura da sempre AUGUSTA E SERENISSIMA SENHORA D. Maria Sofia Isabel de Neuburg. Rainha de Portugal. Glosa ao Octagesimo Sexto Soneto do grande Luiz de Camões que anda na segunda centuria das suas rimas commentadas por seu Illustrador Manoel de Faria & Souza. Pello Beneficiado Francisco Leitam Ferreira

Dedicada a Senhora D. Feliciano Maria de Milam, Religiosa no Real Mosteiro de S. Dinis de Udivelas. Em Lisboa. Na Officina dos Herdeiros de Domingos Carneiro. Ano 1699¹

[pg. 2] DEDICATORIA.

Chegou este papel a minha mão para se imprimir sem Messenas que o patrosinasse, ou das notas do vulgo, ou da Censura de algũ Zôylo; & considerando eu ser o seu Assumpto a sempre lamentavel morte da Serenissima Senhora D. Maria Sofia Isabel de Neoburg Rainha de Portugal què Deos tem, tive por acertado offerecello a V.M. tão obsequiosa, & amante de Sua Mag. em sua vida com as assistencias que nesse Real mosteiro lhe fazia quando esta Senhora com sua Real presença o sublimava, tenha agora nesta poesia algum alivio com que possa sobornar tambem o seu grande sentimento, o segundo he que sendo dedicado a V.M. como sugeito de tão qualificado entendimento, não se atreverá a Calunia a criticar hũa obra que sae debaixo dos auspicios de sua protecção, a cuja peçoa N. Senhor guarde, & prospere como seus subditos lhe desejaõ. Lisboa 12 de Septembro de 1699.

¹ BGUC, Misc. 186, N° 3216

III. Textos de Outros

1. Textos de D. Maria das Saudades

1.1. Censura de Donna Maria das Saudades, Religioza no Convento de Via Longa
BNP, cod. 3229, fol. 12

Posso justamente dizer, que este liuro que me manda ler alto preçeito, primeiro, que os olhos, me occupou as admirações; bastandome ver que era sua Autora a Deçima Musa, em ordem ao numero, e a primeyra a respeyto da fama, o que somente sobrâra [fol. 12] p^a. conseguir a aprovação, e segurar o desempenho. Pello que me parece que estes Inigmas, principalmente affiançados não menos, que na protecção de tantas e tão superiores Divindades) são dignos, que na casa do prazer, esphera de mays luzidios Astros, se Leaõ, e se enterpetrem. Nelles não acho couza que não seja a mesma attençã, nem léo palavra que não mostre hú profundo respeito, [fol. 12 v.] encaminhandose cortezmente a que entre a domestica conversação tenha lugar alguã virtuosa disputa. Isto he o que se me oferesse dizer; pois vivendo tam apartada da Corte, sô me chegaõ os eccos da cortezania, ainda confundidos da minha ignorancia; mas as mesmas Devindades, que amparaõ a obra que indignamente censuro, dissimularão a rudeza com que justamente. a aprovo. Via Longa, 20 de Janeiro de 1695

D. Maria das Saudades.

1.2. Soneto «As leis vivendo, Inês, do amor constante»

BGUC, Cod 392, f. 97

Sonetto

As leys vivendo, Ignez, do amor constante
As mãos, Ignez, morreo da *titaria
qdo. incendio abrazou de dia em dia
Tanto a inveja extinguiu de instante a instante.

Do peyto aquella amor fero y gigante
Da morte aquella ofensa dura e fria
Sobre o poder andaraõ a porfia
Naõ vence a morte amor mas vence am^{te}.

Ve P^o. a Ignez em purpura vestida
A que a morte sacrilega se atreve
Tirar a vida a que lhe tira a vida.

A jinto a maõ robusta a maõ de neve
Dizendo Ignez com voz enterneçada,
Quem me levou a vida o Reyno leve.

1.3. Soneto «Choro, e cazo estimando em meu tormento»¹

BGUC, Cod 392, f. 97 v.

Sonetto

Choro, e cazo estimando em meu tormento

A gloria do silencio de meu pranto

E em tudo o que cazo não adianto

Hum paso a esperança que alimento.

Temome ami quando dizer intento

A cauza desta dor, que estimo tanto

Que está a perigo meu segredo em quanto

De mi o souber meu proprio pensam^{to}.

Infenito he meu amor e dezespero

Explicando com a vís sera dilicto

Que trabalho em as lagrimas prezuma

He celestial objecto, que venero

E assim do immortal y do infenito

So he capaz esta alma mais nenhuma.

¹ Nota: Com excepção do primeiro soneto, os textos que se lhe seguem não têm indicação autoral; foram reproduzidos os que se seguiam até a um poema de autoria de Tomas Pinto Brandão.

2. Textos de Pedro de Quadros

A. Textos Manuscritos

2.1. Poemas de Pedro de Quadros «Rey da mayor gentileza»

BPE CXXX 1-18, f. 324-328 v.

Decima

Rey da mayor gentileza,
Principe da Galhardia
sois por vossa bizzarria,
podeis ser por natureza:
Mais pois, Lauro, por fineza
buscais Principe novel
o docel armai fiel;
por que ficareis feliz
se por Principe a Luiz
melhor levais no docel

2.2. Decimas «Quem ama como obrigado»

CXXX 1-18, fol. 324-328 v.

Décimas

Quem ama como obrigado,
sempre quer agradecido,
por que não pode hum sentido
ser diversaõ de hum cuidado:
se ver-me posso apartado
de vôs; não me posso ver
apartado de saber,
que emtaõ forçozo apartar
quem soube prezente amar,
saberâ auzente querer.

Era minha insufficiencia
quem com vosco me detinha,
mas vossa sciencia, minha
hoje acredita sciencia:
premio he vosso minha auzencia,
pois se pode coligir,
que o chegarme dividir
de vôs por vôs vem a ser
partir por obedecer,
e merecer no partir

2.3. Soneto «Ay, mas nem sospirar ador consente»

BGUC Cod. 1636, pg. 75

Ay, mas nem sospirar ador consente,
E he taõ activo em mim meu sentim^{to}.
E q^{do}. publicar quero o tormento
O chego a padecer mais inclemente:

Dezafogo grangea apenas ardente
Nos ays que derramados leua ovento,
Mas sente o coraçã e vem o alento,
Indícios pode dar do mal q sente.

Novo modo de dor! que hum afligido
Naõ he nem da nox su triste estado
Porque naõ dezafoque em o gemido:

Mas oh q esse he o mal de hum desgraçado,
Agonizar morrido de sentido,
sem poder sospirar de magoado.

2.4.Soneto «Ay triste, sy ho cegara antes quelos mira»

*A huma Dama esquivada*¹

BGUC Cod. 1636, pg.76

Soneto

Ay triste, sy ho cegara antes quelos mira,
o ya que no ceguê, que no os mirara,
ya que miré que nunca os dezeara,
ya quelos dizeó quelos mereciera:

ya que no as merecê, nunca nasciera,
y puesto que nasci, luego esquinara,
ya que no aspiré que no aspirara
My coraçon a coza que no espera:

Sy algum remedio tengo es de la muerte,
Muerte sol podrâ dar-me la vida,
la vida es p^a. my triste, y pezada.

Pezada carga, trabajosa, y fuerte,
Fuerte trato de una alma despedido,
Despedida en se ver remediada.

2.5. Soneto « Que mal se dissimula em huma auzencia»

Do mesmo autor a huma auzencia

BGUC Cod. 1636, pg. 77

Soneto

Que mal se dissimula em huma auzencia
a pena, o sentim^{to}. e o cuydado,
que mal hum coração affeioado
oculta das saudades a inclemencia!

Sospirar o rigor desta inclemencia
Dezafogo serâ, q hum magoado
Alivios a su mal, no suspirado
Talvez grangea, esse he conveniencia:

Porem que mal sospira, em que bem sente.
E que bem sentir sabe crueldades
de hum amor quem se queixa mudam^{te}.

Mudo publique pois estas verdades
que he certo que tendo nos presente
aliuio podem ter minhas saudades.

2.6. Carta « Carta em resposta a huma Freira, que o mandou chamar em dia de Entrudo»
BPE, Cod. CXXX 1-18, fol. 331-332

Senhora minha. Esta manhaã me entregaraõ hum papel com a firma de Vossa Mercê, em que se me ordena vâ a esse convento pela huma hora, para hum empenho grande e não posso deixar de temer aqui algum engano, por que nunca me enganei com o meu merecimento, para crer taõ de ligeiro nos favores. Quanto maes, que sendo Vossa Mercê taõ rica, e eu taõ pobre nem Vossa Mercê necessita de me empenhar alguma couza, nem eu tenho para emprestar a Vossa Mercê couza alguma. Em dia de Entrudo, e pela huma hora depois de meyo dia, mandarme Vossa Mercê que lhe dé huma palavra? Agoa vay! Elle bem pode ser negocio, mas parece pulha. Desta caza até essa Portaria [fol. 331 v.] / pelo caminho maes breve / se contaõ oito luas, e sete becos, que faraõ soma de tres mil moradores, e em que haverãõ seis centos vâdios, que com os seus pucaros de agoa empunhados estaõ à espera, que não estâ maes na sua mãõ; e supposto que o meu chapeo jâ por virtude propria se não possa endireitar, e com o rescatos desde desvêlos, temesse algum rigor, entendo delle não pode hir sem mim e eu não me atrevo a hir com elle: consitame Vossa Mercê estas contas taõ miudas, porque quero ver se Vossa Mercê na consideraçãõ deste perigo tem compaixaõ da minha inobediencia, quando há muito que estou estimando as cortezias que devo; mas por agora não me diz o coraçãõ, que tal faça. E se com o nome de Vossa Mercê quis alguma Senhora dar-me este chasco, em [fol. 332] que dispençaõ as Leys dos dias, ponha Vossa Mercê carteis de dezafio pelas praças, poderã ser que saya a dita Senhora, e entãõ deixeme Vossa Mercê com ella, que eu tomarei a vingança por ambos. Porem se com tudo fôr certo, o que duvido, ou Vossa Mercê me comute o dia, e a hora, ou hirey por baixo da agoa a obedecerlhe. E em tanto que não vou com a pessoa, vou assim poor letra que Vossa Mercê pagarã â vista, com muitas occasioẽs de seu gosto. Deos guarde a Vossa Mercê. Vale.

Textos de Pedro de Quadros

B.Textos Impressos

2.7. Canção «À morte intempestiva do Invicto Marquez de Tavora.»

in Compêndio Panegírico da Vida, e Acções do Excelentissimo Senhor Luís Alvez de Távora, Lisboa, António Rodrigues de Abreu, 1674, pgs. 72-77

Cançam

Nam em metricos golfos de Hipocrene
(Innundação feliz do monte altivo)
A musa banhe o plectro mais suave:
Mas em lagrimas tristes, metro esquivo
Em tragicos assentos Melpomene,
Funebre cante, proferindo grave
Canoros paracismos com que a Ave,
Que no Caistro mora
A morte canta, quando a vida chora.
Cante pois do valor mais soberano,
E chore do mais trágico successo
O mortal golpe, o sempre vivo excesso,
Que sente Portugal, que o mundo admira,
O Ceu dispos & a gente mais suspira,
E o coração desfeito hum Oceano
Inculque em funeral triste corrente
A Portugal, ao mundo, ao Ceo, & á gente.
Daquelle invicto Heroe, daquelle forte
Alcides soberano, que do Atlante
De Luso, o peso grave em su sosteve: [pg. 73]
E Rayo de Mavorte fulminante
(Senão illustre inveja de Mavorte)
A seu valor julgava encomio breve
A Fama, que na Tarja adonde escreve
Delio vitaes alentos,
Rubricou de seu braço os vencimentos,

De aquelle que da patria a liberdade,
A vigores intrepidos da espada,
Soube deixar no Mundo eternizada:
E a repetidos lauros de hũa guerra
A Paz eternizou na Patria terra;
Eterna serà hoje a saudade
Incansavel serà o amargo pranto,
Que tanto ha de sentir quem perdeu tanto:
Daquelle pois Marquez sempre invencivel
Decio feliz, da patria saudosa,
Valeroso exemplar de hum justo Numa,
Hoje profira a Musa lacrimosa
(Não em metro suave) em metro horrivel
O epilogo breve, a breve summa
De aplausos, a que o tempo não costuma;
Porém sempre crecidos
A estas posteridades referidos,
Inculquem de seu nome a eterna fama,
Publiquem de seu braço o vigor forte,
De quem hoje triunfa a injusta morte,
Não poderá triunfar o esquecimento,
Que removido em nosso sentimento [pg. 73]
Nos continuos suspiros com que aclama
Seu nome, seu valor, sua memoria
Eterna lhe assegura a humana gloria.
Apollo em seu sepulchro a Lyra de ouro
Quebra sentido, & rompe lastimado,
E a guerra o seu Trofeo mais aplaudido
Rendido admira, & chora sepultado;
A Paz o aplauso perde, & ao verde louro
Jà não vé dos estragos defendido,
Prostrado sy, & em cinzas convertido;
Que a violencias da morte

O sublime caduca, acaba o forte.
Jupiter que lhe deu da mam valente
O mais valente Rayo, o mais activo,
Extincto o vé: & Marte o escudo altivo,
Que lhe deu, vê quebrado, & em sombras tudo
Lyra, Trofeo, Aplauso, Rayo, Escudo,
Cuja gloria perdida o mundo sente:
Sentindo, & suspirando em toda a parte
Apollo, a guerra, a Paz, Jupiter, Marte.
O Tejo turvo corre, & mais crecido
Com lagrimas, as margens inundando
Triste as arcas pulsa, as pedras bate:
O Mar nas prayas funebre quebrando
Brama confuso, & o tragico gemido
Faz que todo em suspiros se desate:
O valle inculto a quem o rouco embate
Do funeral allento [pg. 75]

Troncado exprime em vozes seu tormento:

O Monte que foi thalamo sombrio
Do Sol no maior auge de seus rayos
Despido, he já desprezo a muitos Mayos.
O Prado triste está, já não florece
Desprezado de Abril, nas magoas cresce,
As flotes já perderaõ todo o brio;
Porque morto o Marquez sentem rigores
O Tejo, o Mar, o Monte, o Prado, as Flores,
Cobarde a morte, exposta a tanta empreza
Teme assaltar o peito, em cujo alento
Invencivel se admira o vigor forte,
E impossivel contempla o rendimento,
E ao combater a heroica fortaleza,
Que tantas vezes triunfou da morte;
No perigo maior, com mais sorte

Espera que os sentidos
(Sentinellas da vida) suspendidos
Aos supores tributem de Morfeo
Operaçoens do braço, acçoens viventes
Que duvida vencer, que teme ardentes:
E então que os vè dormidos busca o leito,
E de repente assalta o invicto peito,
Cauta roubando o singular trofeo,
Que a estar desperto mal logràra, & he certo
Vencera a mesma morte a estar desperto.
Breve a tanto valor theatro o mundo
Maior esfera busca a valor tanto, [pg. 75]
Conquistando o Zafir do quinto assento,
E intimando aos Planetas novo espanto.
Adonde o mesmo Marte furibundo
Cede a seu braço o regio luzimento,
Que digno esmalte julga ao firmamento;
E nelle collocado
Astro feliz ao Reyno lastimado,
Na perda de um Varam illustre, & raro,
Lhe influirá valor, fortuna, & gloria,
Que triunfos segure; & que a memoria
De seu nome invencível estabeleça;
E nos estragos do sepulchro creça
Phenix de Portugal; que mais preclaro
Das mesas cinzas de um fracaso adverso
Rena'ce nas memorias do Universo.

A Itar serà de nossa saudade
O teu sepulchro (ò Távora eminente,

M arte de Portugal, gloria da Fama)
A donde (intensa a dor, o affecto ardente

R espeitado Holocausto da vontade
Q ue idolatra o teu nome) a viva chama
V oto serà do coração, que aclama
E m sentimento tanto
S acrifício o pezar, victima o pranto:

D edicando a teu nome, a tua gloria
E terno culto o nosso sentimento

T odo veneração, todo portento:
A rdendo em tanta urna respectiva
V otiva cera, hũa affeiçãoõ votiva,
O bjecto permanente da memoria:
R epetindo o clarim da Fama altivo
A qui jaz sepultado o Marquez vivo².

Canção se te disserem não declares
Deste heroyco varão virtudes raras,
Que as julgasse infinitas lhe responde,
E que impossivel he no que tens dito
Que a termo se reduza o infinito.

2.8. Soneto «A la muerte del Excellentissimo Señor Marquez de Tavora»

in Compêndio Panegírico da Vida, e Acções do Excelentissimo Senhor Luís Alvarez de Távora, Lisboa, António Rodrigues de Abreu, 1674, pg. 86

SONETO.

La estrella, que en el dia màs luziente
Murió, tuvo en las sombras luz brillante,
El Sol, que el Occalo agonizante
Se viò, cobrò la vida en nuevo Oriente.

La Phenix, que espiró en sepulchro ardiente
De aromaticas ginas respirante,
Nuevos alientos cobra, y màs flamante
Renasce a nueva vida en su Occidente.

Del Marquez a tragedia màs sentida,
Estrella, Sol, y Phenix le convierte,
Que llevan su fama en su cayda.

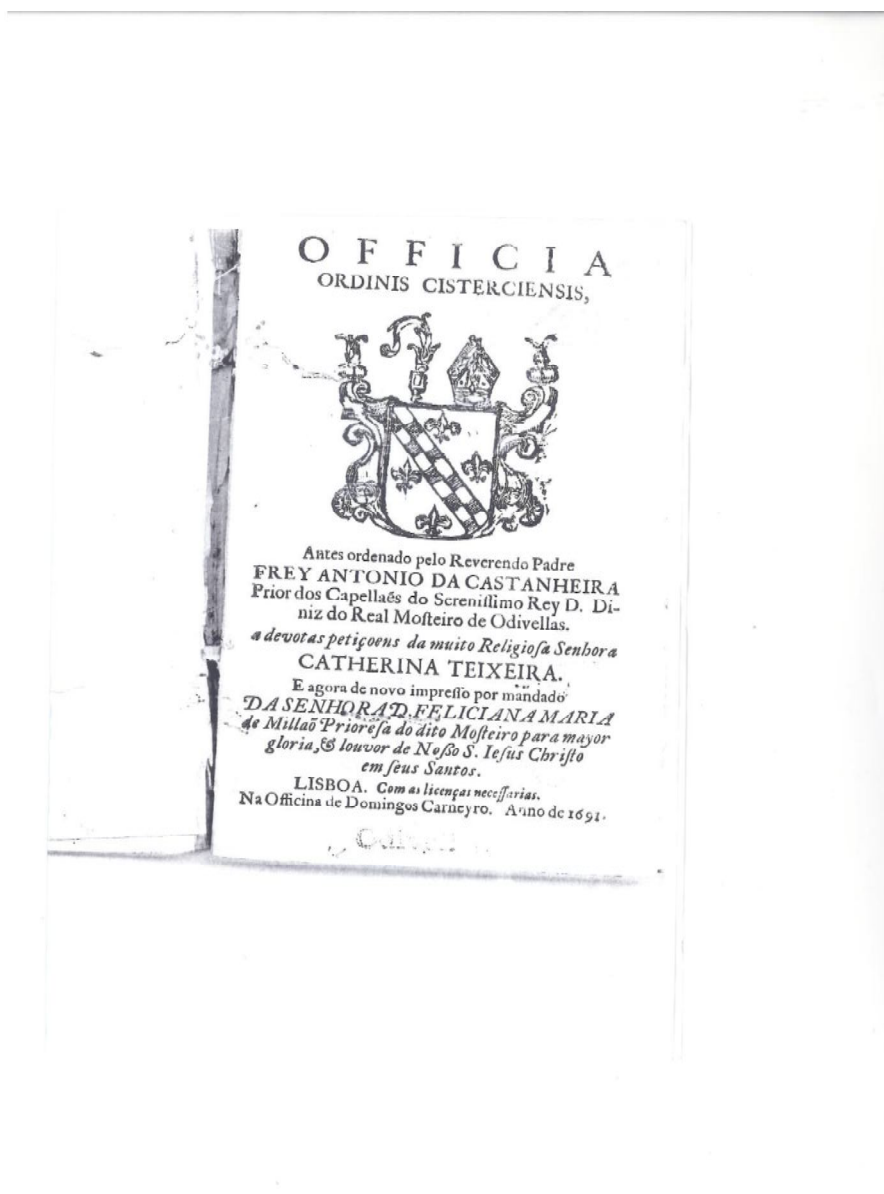
Fue Estrella, que en las sombras tuvo suerte;
Fue Sol, que en nuevo Oriente cobrò vida
Phenix, la quien màs vida diò la muerte.

¹ Sem indicação de autor, mas colocado depois de um poema de Pedro de Quadros, e antes de um terceiro poema que tem como título “Do mesmo a huma auzencia”.

² a quadra é acróstica, estando no original as primeiras letras de cada verso colocadas na vertical.

IV. Documentos sobre Feliciano de Milão

2. Frontespício de *Officia Ordinis Cisterciensis* (reprodução)²



5. Fotografia da placa que atesta a visita da Rainha D. Catarina a Odivelas



¹ AHPL, fol. 157-158. Para a transcrição parcial deste Exame, consulte-se volume principal da dissertação, pgs. 25-ss.

² BNP, R. 14845 P.

³ ANTT, Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, Livro 220, f. 51.

⁴ ANTT, Mosteiro de S. Dinis de Odivelas, Livro 5, f.528

